

O HOMEM DO NORDESTE

TH. POMPEU SOBRINHO

Nos tempos pre-coloniais, habitavam na costa do Nordeste, do rio Jaguaribe para o sul, ameríndios da família tupí e no interior e praias do norte do Ceará, os tapuias, na sua quasi totalidade do grupo carirí. Duas áreas culturais diferentes, de aspectos etnograficos característicos, esboçavam-se e desenvolviam-se desigualmente nos dominios respectivos desses indigenas.

Foi toda a região senhoreada pelos invasores portugueses e mestiços que se expandiam de quatro centros ou focos de irradiação. Da *Baía*, pela costa, em procura da bacia do São Francisco; e de Pernambuco, primeiro para o sul, em busca daquele mesmo ponto; e, segundo, para o norte, demandando o Maranhão. Soldados portugueses, mamelucos, negros e mulatos, aliando-se aos Potiguaras e Tabajaras depois de destruírem ou afugentarem os Caetés, firmaram-se, mais ou menos solidamente, nesses mesmos sitios, ao longo do mar, organizando núcleos de população, onde avultava o elemento indigena tupí.

Não tardou que a excelencia das terras de criar do interior e a perquirição de minas despertassem o interesse dos colonos. De *São-Paulo*, desceram bandeiras que, com as entradas da Baía, devassaram os sertões do rio São-Francisco, penetrando no alto Piranhas e na bacia do rio Parnaíba, no Piauí. Da *Paraíba* e do litoral, em geral, subiam expedições para os sertões a dominarem as terras da Borborema, do Açú, do Jaguaribe, do Choró, do Curú, do Acaraú e da Ibiapaba, em cuja chapada se defrontavam com as que vinham do Maranhão, geralmente de caráter mais religioso do que colonizador.

Numerosas fazendas de criar foram situadas nos

sertões às margens dos rios ou riachos e raramente nas encostas das serras, mas sempre onde a água era segura.

A propriedade das terras de caatingas para a criação de gado cedo foi notada, e assim abrolhou nessas amplas regiões uma civilização caracterizada pela sua indústria dominante e quasi exclusiva,—o pastoreio.

O litoral do Nordeste não se prestava tão bem para a criação à lei da natureza, em vista das suas condições edáficas, climáticas e biogeográficas; ao passo que oferecia vantagens de ordem física e social à lavoura que aí se expandiu e particularmente avultou, tomando grande importancia nas terras húmidas do curso inferior dos rios costeiros e dos brejos que, aquem da Borborema, se abriam até a Baía, sobretudo de Pernambuco para o sul.

O sertão ficou num relativo isolamento, constituindo-se então dois ciclos culturais perfeitamente distintos, o dos «vaqueiros» dominando as caatingas e campos do interior, e o dos «agricultores», na faixa litoranea e no curso baixo de certos rios, onde a cultura da cana podia medrar. Mas essa faixa litoranea, impropria para a criação, oferecia duas divisões suficientemente nitidas. A parte mais húmida e mais larga, principalmente do rio Paraíba para o sul, diferenciou-se, formando uma sub-área cultural, a dos *engenhos*. A parte menos húmida e mais estreita daquele rio, notadamente para o norte, aberta em praias rasas, taboleiros arenosos, de mais fraca pluviosidade, não oferecendo condições propicias às lavouras de longo ciclo vegetativo, não conseguiu cultivar a cana, senão em zonas muito restritas de certos e raros vales frescos. A industria por excellencia dessa sub-área cultural foi a pesca no mar e nos estuários, com o desenvolvimento da lavoura pouco exigente da mandioca e eventual cultura de legumes, cereais e algodão.

Assim, pois, podemos distinguir, no periodo colonial, três áreas etnográficas no Nordeste do Brasil: a dos *vaqueiros*, dominando a caatinga; a dos *engenhos*, dominando o litoral e os vales humidos da costa ao ocidente da serra do Mar, e a dos *pescadores*,

dominando as praias baixas, arenosas e bordadas de dunas. Na primeira, predomina o tapuia, com a exclusão quasi absoluta do negro; na segunda, predomina o negro, mas também avultam os elementos branco e tupí; na terceira, é ainda o elemento indígena que faz a maioria, sendo os outros elementos em proporções sensivelmente iguais entre si—o branco e o negro.

Mesmo no periodo colonial pequenas perturbações já se registam, quebrando o ritmo etnico dentro dessas áreas, sem contudo modificarem o carater geral de cada uma. A descoberta de ouro no vale do rio Salgado, no Ceará, deu lugar à introdução de negros africanos no Carirí, aumentando ali o indice desse elemento. No litoral, a dominação flamenga, durante quasi meio seculo, deixou uma apreciavel percentagem do sangue nordico, infiltrado no seio dos selvagens, dos mulatos e mamelucos, maximè do Rio-Grande a Alagoas. Levas de judeus, sobretudo durante o domínio holandês, e de ciganos expulsos de Portugal depois de 1728, complicaram parcialmente a fusão no cadinho nordestico, embora sem alterar sensivelmente a grande superioridade das três raças principais.

Por outro lado, tratos de terreno com mesologia física diversa, formando ilhas no interior das três zonas referidas, modificavam a distribuição etnografica, criando núcleos de tendencias culturais diversas das que os caracterizam. Tais diferenciações acen-tuaram-se no ultimo seculo. E' assim que, no sertão, a terra por excelencia do vaqueiro, a fisiografia do vale do Carirí, com as suas terras calcareas, frescas, abundantemente irrigadas por fontes numerosas que jorram das escarpas do Araripe, permitiram destacar uma mancha de cultura diferenciada pela preponderancia da lavoura de cana, que a introdução dos escravos africanos, referida, facilitou. Aí, constituiu-se uma pequena região com caracteristicos sociais que lembram a área dos *engenhos*.

Pontilhando a vastidão dos sertões aquí e ali, algumas serras frescas, mercê dos seus córregos perenes, atraíram gente dada às lavouras de cana, de cereais, de mandioca. Nos vales montanhosos e hu-

midos, os rigores das sêcas não destruíam facilmente as plantas cultivadas, mesmo as de longo ciclo vegetativo, como o café, etc., originando pequenos focos culturais diversos dos que modulou a caatinga.

Somente a praia não sofreu infiltrações que lhe criassem exceções. Os pescadores aparecem imediatamente nos subúrbios das grandes cidades, com a sua feição própria, as suas jaangadas, os seus hábitos seculares, cantigas e modo de vida, sem que uma brecha, fora dessas mesmas cidades, ameace diferenciação digna de nota.

Por outro lado, cumpre mencionar também as grandes cidades litoraneas, as capitais das provincias ou estados, cuja cultura oferece aspecto diverso do das zonas onde estão encravadas mercê dos fenômenos de urbanismo, da facilidade da circulação em relação aos grandes centros distantes, da sede da administração, da concentração da riqueza drenada de vastas zonas.

Nas diferentes áreas definidas, as condições cósmicas, biogeográficas, étnicas ou antropológicas e sociais diferem mais ou menos sensivelmente, criam tendência manifesta para a diferenciação entre os habitantes respectivos, somente contrariada pela generalização da cultura universal, que ganha terreno por toda a parte, procurando nivelar as condições de vida, os processos de adaptação social e, consequentemente, uniformizar os fatos históricos, malgrado a sua íntima dependência dos fatores telúricos. Todavia, a civilização moderna, esforçando-se para subtrair o homem às contingências criadas pela ambientação física, estabelecendo regras racionais de higiene alimentar, de defesa sanitária, etc., caminha para uma indiferenciação, cujas consequências são ainda desconhecidas. Entretanto, mesmo nos países mais cultos e particularmente no Brasil, ainda se está muito longe dessa indistinção.

As forças orientadoras do meio físico sobre o homem e a sociedade ainda preponderam, imprimindo caracteristicamente a sua marcha indelevel no facies social e histórico, criando consequentemente diferenciações flagrantes, armando dissimetrias ricas

de elementos, donde resulta a multiplicação de fenomenos de toda a especie na ordem cultural, social e historica.

Para chegarmos à definição utilmente precisa do homem nordestino, teremos, pois, de analisar, com prudente atenção, embora muito sumariamente, neste simples e modesto ensaio, a sua geografia da historia pelas zonas etnograficas estabelecidas.

Mas, como vimos especialmente visando a Terra das Sêcas, apesar das correlações multiplas e frequentes do habitante desta região com o das áreas vizinhas, e das influencias cosmicas e sociais dessas sobre êle, pouco diremos daqueles que só indiretamente experimentam os efeitos do fenomeno climático das sêcas. Assim, consequentemente, colimamos aquí, de modo especial, a gente da área historico-cultural das caatingas, embora nos vejamos todavia forçados a referencias aos das áreas circunjacentes.

Antes, porém, de particularizarmos o estudo da nossa gente, verdadeiramente sertaneja, cumpre saber como está distribuida no espaço a população nordestina.

O censo de 1920 mostra que, naquele ano, o estado brasileiro mais densamente povoado, não contando com o Distrito Federal e o Rio-de-Janeiro, era o de Alagoas, com 28,5 almas por K². Seguiam-se respectivamente os de Sergipe e Pernambuco, com 22,1 e 21,7. São-Paulo tinha então 18,5 habitantes por K², quasi tanto como a Paraíba, cujo índice montava a 17,1. Curioso também é observar que a densidade demografica dos três estados do extremo Nordeste se elevava a 11,1, somente superada por dois estados extra-nordestinos (São-Paulo e Rio-de-Janeiro).

Atualmente (1934), dado o coeficiente de crescimento das populações deste recanto do país, a população dos três estados deve ser:

Ceará	1.806.000	hs.
Paraíba	1.316.000	»
Rio-Grande do Norte	735.000	»
Total	3.857.000	»

com a densidade demografica de 15. O mais densamente habitado é o da Paraíba, com 23 almas por K²; segue-se o Rio-Grande do Norte com 14 e, finalmente, o Ceará, com 12.

E' a ordem cronologica do povoamento; mas a razão destas cifras é outra, como veremos adiante.

A população, distribuída pelas áreas culturais, divide-se da seguinte maneira:

ÁREAS	CEARÁ			PARAÍBA			Rio-G. do Norte		
	área K ²	pop.	dens.	área K ²	pop.	dens.	área K ²	pop.	dens.
Sertão	130.000	1.060.000	8	41.000	511.000	12	40.000	438.000	10
Engenhos e Serras agrícolas	20.400	510.000	25	14.000	365.000	45	11.000	227.000	20
Praias	1.200	50.000	41	200	10.000	50	700	24.090	34
Cidades	—	185.000	—	—	160.000	—	—	48.000	—

Donde se vê que a maior população cuja actividade está dedicada à agricultura é a da Paraíba, a qual supera a do sertão respectivo. Isto provém, de certo, da influencia colonizadora de Pernambuco, foco de irradiação cultural, muito proximo, sobretudo notavel no periodo colonial, quando a lavoura da cana, para a produção do açúcar, adquiriu consideravel importancia. Esta causa não é unica, alia-se às influencias teluricas.

Podemos ensaiar um esboço da implantação do homem civilizado no Nordeste brasileiro procurando discernir as suas principais conexões com a natureza.

Sabemos que a necessidade maxima dos seres vivos, sobretudo em climas como o nosso, é a ali-

mentação, isto é, a possibilidade de obter a nutrição precisa à manutenção de vida e de trabalho. Portanto, aquela implantação se correlaciona mais intimamente, no caso em apreço, com a pluviosidade, com as condições edáficas, com o regime das águas, agentes principais da produção dos gêneros alimentícios. Tais elementos, certamente, preponderam, não são únicos; por si sós, não bastariam para explicar a distribuição, aparentemente caprichosa, dos homens em uma dada região, a qual obedece a leis muito mais complexas, onde intervêm determinantes de ordem histórica e psicológica com que se hão de combinar os efeitos geográficos. Todavia, estes, tomados no que apresentam de mais essencial, podem fazer alguma luz, por vezes bastante intensa.

O mapa demográfico dos três estados nordestinos revela quatro concentrações humanas de densidades diferentes, mas perfeitamente características e quasi que isoladas umas das outras. A primeira e mais importante está localizada no litoral, a leste da Borborema, de Natal para o sul. É sobretudo notável no estado da Paraíba (1), onde alguns municípios da respectiva zona oferecem densidade demográfica superior a 50, sendo que cerca de três comunas apresentam cifras que excedem a 100, embora nenhuma corresponda à sede do Estado. Segue-se a segunda também no litoral, entre a serra de Baturité (inclusive) e o oceano, em torno de Fortaleza. A densidade demográfica é menos importante; contudo, os principais municípios exibem índices que excedem a 30, sendo que um, sobre aquela serra, atinge a 62 (Pacotí). O município da capital do Ceará é quasi tão povoado como a Bélgica: 341 habitantes por K². A terceira concentração localiza-se ao ocidente do Ceará, da serra da Ibiapaba à serra da Meruoca. Os municípios mais densamente povoados são os de São-Benedito, com 33 almas por K², vindo em seguida Ubajara, Massapê, Ibiapina e Sobral, todos com mais de 20.

Finalmente, a quarta concentração está no

(1)—Estudamos aqui especialmente os três estados nordestinos Ceará, Rio-Grande do Norte e Paraíba.

sul do Ceará, consta principalmente do vale do Cariri, mas se estende aos estados da Paraíba e Rio-Grande do Norte. O foco desta concentração compreende os municípios de Barbalha, Juazeiro, Missão-Velha, Crato e São-Pedro, com mais de 30 habitantes por K².

Ora, sobrepondo ao mapa demografico a carta pluviometrica, vê-se imediatamente que tais zonas de concentração humana correspondem aproximadamente às de maior pluviosidade. Por outro lado, os espaços de fraca densidade demografica se ajustam aos de escassas precipitações. No Ceará, as comunas menos habitadas, de densidade inferior a 5 (Tauá, Campos-Sales, Independencia, Quixeramobim, Jaguaribe-Mirim, Morada-Nova) têm precipitações médias inferiores a 750 m/m, ao passo que as mais povoadas, de 20 a 100 habitantes por K₂, estão em zonas de alta pluviosidade, isto é, de 750 a 1.400 m/m. O mesmo se verifica no Rio-Grande do Norte, na Paraíba, em Pernambuco e principalmente na Baía. Na primeira e na segunda zona de concentração que indicámos, a média das chuvas varia de 800 a 1.400 m/m; na terceira e na quarta, varia de 750 a 1.500.

Os grandes claros demograficos oferecem manchas onde a população escasseia muito, não excedendo geralmente a 2 habitantes por K². Aí, as chuvas médias são sempre inferiores a 600 m/m, sendo que há tratos onde não atingem a 500 m/m, como em certos pontos ao longo do rio São-Francisco.

Mas o que caracteriza a zona das sêcas não é tanto a pluviosidade média, porém a pluviosidade dos anos secos, como o de 1915, por exemplo. Nesse periodo, as chuvas na concentração oriental ainda se elevaram a médias que variaram de 600 a 1.400 m/m; na segunda e quarta (Fortaleza e Cariri), as médias variaram de 200 a 600 m/m; na terceira, de 400 a 800. Isto explica de alguma forma a importancia superior daquela. A situação da região ocupada pela terceira (Ibiapaba) e quarta (Cariri) e o fato de a segunda conter uma capital de estado dizem um tanto da inversão da ordem que as condições naturais apontam.

Contudo, o ajustamento das zonas de concentração demografica com as de alta pluviosidade é ape-

nas aproximado; não se faz rigorosamente. Aquí e ali, uma excede à outra, já projetando uma faixa relativamente habitada no seio das terras mais aridas, já retraindo-se (o que é menos comum). Tais perturbações provêm, em grande parte, de outras influencias teluricas, de que cumpre salientar o relêvo e a natureza do solo. Ora são as serras, onde o regime das aguas é mais regular (Baturité, Martins, Meruoca, etc.); ora as aluviões uberrimas de certos vales que permitem o cultivo da cana, como em Patos e S.-Manuel, na Paraíba, em plena caatinga, do algodão (Jaguaribe), etc., mesmo com pouca chuva. Por vezes são as influencias biogeograficas que atraem os homens; aquí, é a carnaúba (baixo Jaguaribe, Acaraú, Açú), que lhes proporciona quanto exige o seu modo de vida simples, e até recursos pecuniarios importantes, apesar das sêcas; ali, a extrema facilidade com que prosperam os rebanhos, mercê de certas pastagens que resistem á escassês das precipitações (Sobral, etc.).

As terras de pluviosidade média superior a 800 m/m e de parca população revelam-se em geral relativamente estereis, impróprias para qualquer lavoura e de pastagens fracas, como há exemplos suggestivos no norte do Ceará (muicípio de Granja) e no Rio-Grande do Norte (município de Touros, etc.)

Desde o comêço do povoamento pelos invasores brancos, a penetração se fez pelo litoral e pelos rios de maior caudal, fixando-se os colonos nas terras ferteis da costa ou nas margens dos cursos d'agua embora não navegaveis. Só mui tardiamente subiram as motanhas frescas, cobertas de matas e portanto de difficil acesso. Em toda parte onde era possível conseguir agua perene, fôsse de córregos ou riachos que não secam ou de cacimbas no leito dos rios, fôsse de pequenos reservatorios, que se faziam barrando-se rudimentarmente o sangradouro das lagoas, o homem que invadiu estas paragens plantou residência e conseguiu proliferar até atingir a situação actual.

Como em geral acontece, as fixações mais notaveis se fizeram onde a agricultura prosperou mercê do solo e das condições climicas.

Os caminhos, quer aproveitando as veredas dos índios, quer seguindo e aperfeiçoando os trilhos do gado, logo se abriram, estabelecendo relações mais ou menos regulares e permitindo a defesa mais ou menos fácil contra os primitivos incolos. Surgiram então, sob influências diversas, núcleos de populações urbanas, germens das nossas atuais cidades. Aquí fôra principalmente o cruzamento de caminhos que os determinou; ali a abundancia e segurança dagua potavel; além, um caminho de planície que findava para continuar em rampa de acesso a serras frescas; mais adiante, um pequeno porto servindo a zona que tomava incremento; senão, o término de um curso dagua navegavel e o inicio de estradas para o interior; outras vezes, nas zonas mais áridas, pontos de excelente agua potavel permanente.

Observando o quadro da distribuição da população pelas áreas culturais, impressiona a densidade demografica das praias nordestinas: 41 no Ceará, 34 no Rio-Grande do Norte, 50 na Paraíba. Isto não é um fato excepcional; em todos os tempos e em toda parte, o homem manifestou sempre uma certa atração pelo mar. As causas variam. Muitas vezes são a facilidade, a abundancia e a segurança da pesca. Outras vezes, é a inclemencia do clima do interior, a sêca estiolando frequentemente as culturas, que determina a preferencia das praias. Não raro, os fatores psicologicos influem no sentido de adensar as populações marinhas. No Nordeste, provavelmente, junta-se mais de uma causa: colonos e índios e pescadores, praias abundantes e piscosas, imigração do interior flagelado pelas sêcas. Fora do quadro terrestre, cumpre aliar o espirito de imitação, a rotina que perpetua a fixação de gerações sobre gerações, a lembrança dos entes queridos que aí viveram e morreram. Finalmente, a extraordinaria proliferação da nossa gente ribeirinha, pobre mas bem alimentada.

Isto posto, voltemos ao sertão, à gente das caatingas, objetivo principal destas observações.

Nos três estados em apreço, montam os sertanejos a pouco mais de dois milhões de almas, distri-

buidas por 211.000 quilômetros quadrados, o que dá a média de 9 habitantes por unidade de área. Não é, conseguintemente, um índice de pouca importancia. A terra e a incultura atual não explicariam, para o momento, cifra mais consideravel que aquela, objeto de admiração para quem não sabe que se trata de regiões por excelencia de «concentração ativa». Terra que pede esforços consideraveis para se viver, fato correlacionado com um exagerado crescimento numerico da especie.

Nestas paragens, a fecundação biologica não se enquadra com a da natureza. Uma tendencia se verifica constante e insofismavel: a proliferação humana parece experimentar um estímulo estranho e desconhecido, para preencher sempre os claros demograficos abertos pelas forças naturais de destruição. E' realmente espantosa a proliferação depois das grandes calamidades climicas. Todos os seres vivos como que porfiam na reprodução das respectivas especies. E tudo vinga, prospera e cresce, antes que outra calamidade se aproxime, pois, quando o fizer, encontrará pasto abundante para a ceifa de vidas.

A temperatura amena e relativamente doce, sem variações sensiveis, e os longos periodos normais de estiagens não estimularam os primeiros habitantes no sentido de aprimorarem os seus abrigos, as suas casas. Os amerindios não utilizaram as cavernas, como os *trogloditas* de alhures; preferiam pernoitar em cabanas rudimentares batidas pelas ventanias higienizantes.

Os colonos e as populações atuais construíram casas muito simples, de taipa, geralmente cobertas de telhas, salvo onde abundam as palmeiras, como nos vales dos maiores rios ou nas proximidades das serras. Neste caso, o tecto passava a ser de palha entrançada. Quando o palmar é consideravel, toda a casa, paredes, tecto, divisões, giraus, móveis e muitos utensilios são fabricados com materia prima tirada dos estípites, das palmeiras ou dos frutos destas plantas. Exemplos típicos encontram-se ainda hoje frequentes no vale inferior do rio Jaguaribe, do Açú,

do Acaraú, etc., ou nas várzeas de carnaúbal próximas da costa.

Em vista das condições meteorológicas, a madeira é difícil em todo o interior do Nordeste, a caatinga não dá taboado de importancia e fácil de aparelhar. Por isto, não há casas de madeira. A pedra abunda, mas o seu trabalho requer pericia e esforços mais consideraveis que o adobe, a taipa e o tijolo, visto como a argila para o fabrico de tais artigos não falta em toda parte. Por estas razões, as construções de pedra são raras. Todavia, onde as rochas xistosas se deixam partir facilmente em lages, paralelepipedos ou blocos regulares, como em Sant'Ana do Cariri, tais edificios avultam: casas, muros, cercados, etc. O tempo proprio para o preparo daqueles artigos, para construir, reconstruir ou consertar as casas, é o fim das chuvas, quando as aguas dos poços, das ipueiras, dos cabocós ainda não desapareceram.

O tipo de construção mais comum no sertão é o da casa do vaqueiro, que, quando não habita com a familia a casa grande da fazenda ou do proprietario, cousa que tende a rarear e desaparecer, vive numa pequena moradia de taipa ou tijolo, sem rebôco, coberta de telha, baixa, com uma unica porta de entrada na frente, abrigada por uma latada de ramas secas, e outra porta de saída na parte posterior. Uma ou duas pequenas janelas, chão de barro batido, geralmente esburacado pelo uso, paredes também com furos, por onde entram de dia résteas de luz solar e de noite a viração amena que vem do litoral. As casas têm, sempre que é possivel, a orientação classica: frente ao nascente. A situação é função da agua-da proxima. A inclinação das cobertas é, em geral, insufficiente; abusa-se da escassez das chuvas e da falta de ventos violentos. As casas grandes nas fazendas ou explorações rurais importantes não são frequentes no sertão. É que, na zona de criação, tais estabelecimentos nunca tiveram o alto valor que adquiriram nos engenhos, fazendas e sitios de cana.

Aquí e alí, perdidas na amplidão das caatingas, deparam-se contudo casas enormes, baixas, de paredes estupidamente grossas e madeiramento pesadis-

simo. Em geral, provêm essas moradias de antigos donos de engenhos que situavam fazendas de criar nos sertões, com o fim de lhes proporcionarem boiadas para as almanjarras, animais para o commercio dos engenhos, bem como o leite e queijos para o consumo domestico. Essas fazendas não são as mais antigas; malgrado a distancia, passaram a ser residencia definitiva, senão estação de recreio ou repouso para a familia dos seus abastados proprietarios, que aí vinham passar os deliciosos meses do fim do inverno, quando elles proprios faziam a ferra dos bezeros, dos poldrinhos, dos burros e assinalavam as ovelhas e cabras com as marcas da fazenda e da freguesia.

A instituição de familia ainda é nos nossos sertões de uma rigidez admiravel. Isto se combina com a facilidade de achar-se agua potavel por toda a parte, no fundo dos vales, em cacimbas abertas no leito dos rios e riachos, nas grotas das serranias ou nos poços naturais das penedias, se não em pequenos açudes para explicar a extrema disseminação das habitações, do que resulta a raridade dos núcleos demograficos importantes, povoados, vilas, cidades.

As primeiras reuniões de casas fizeram-se com os aldeamentos dos indios, muitos dos quais geraram vilas e cidades: Granja, Baturité, Crato, São-Mateus, Viçosa, etc., no Ceará; Escada, Limoeiro, etc., em Pernambuco; Campina-Grande, Piancó, São-João, etc., na Paraíba; Apodí, São José, etc., no Rio-Grande do Norte; Santo-Amaro, Penedo, etc., em Alagoas.

Muitas vezes, porém, a origem dos nossos núcleos de população é outra, provém de um primitivo centro, sede de fazendas de criar ou de sítios de plantar, convenientemente situados no interesse das relações comerciais. De ordinario, no cruzamento de caminhos de grande curso (Icó, Sobral, Quixeramobim, etc.), senão no sopé das ladeiras que conduzem às serras frescas (Itapipoca, Ipú, Bananeiras, etc.).

As vilas e cidades sertanejas foram geralmente instituídas por necessidades da justiça, senão raramente por influencia politica. Por isso, não temos, como no velho mundo, cidades-fortalezas, cidades industriais, cidades de aguas ou de turismo ou de

qualquer outra categoria, salvo talvez a cidade de Juazeiro, no Ceará, que se pode classificar no grupo das *idades religiosas*, visto como surgiu por efeito principalmente do acúmulo de habitantes de procedências as mais diversas, que aí se vinham abrigar contra todos os males, á sombra protetora e santa de um padre de grande prestigio proprio. Fortaleza, capital do Ceará, e Açú, no Rio-Grande do Norte, devem sua origem e conservação a pequenas fortalezas destinadas á proteção dos colonos contra o assalto e depredação dos indios. Nem por isso devem ser consideradas como *idades-fortalezas*.

Os caminhos são aspectos geograficos da maior importancia e rigorosamente indispensaveis em qualquer parte onde exista uma região habitada. No Nordeste, quasi todos os que serviram duraute os tempos coloniais provieram das veredas dos indios aproveitadas pelos primeiros exploradores, pelas expedições contra os indigenas rebelados e pelos fazendeiros que se situaram ás margens dos rios e riachos. Uma dessas estradas estendia-se de Olinda á ribeira do Acaraú, no Ceará, com desenvolvimento de centenas de leguas e estava em relação com outros caminhos que conduziam á Baía. Somente muito mais tarde apareceram, e isto rarissimamente, os caminhos de origem politica, os quais nada mais foram, em geral, do que o melhoramento de alguns dos já existentes. Ainda hoje, os principais caminhos sertanejos se desenvolvem ao longo dos cursos dagua, por causa da existencia certa e segura do precioso liquido nas areias do leito nú, durante o verão e as sêcas. Por isto, tais caminhos se chamam "estradas da ribeira".

As modernas estradas de ferro, rodovias e escassas linhas aéreas já começam a imprimir na estrutura economica e moral dos sertanejos modificações sensiveis que o espaço de um artigo nos não permite apreciar.

A industria que, durante seculos, conseguiu prosperar nas caatingas nordestinas, suplantando quaisquer outras, foi a criação de gados bovinos, equinos,

caprinos, ovinos, por isto que se correlaciona intimamente com a natureza da terra, com os camishos e com a cultura do povo coevo. Nem as sêcas nem os indios reacionarios puderam opor obstaculos serios ao desenvolvimento da pecuaria, malgrado os seus metodos rudimentarissimos, porém suficientes para o tempo e para o meio social de então.

Conforme o testemunho de Gabriel Soares, as primeiras reses vieram para a Baía no tempo do primeiro governador geral; daí, ganharam prontamente os sertões de caatingas do rio São-Francisco e do Nordeste.

Foi simples e facil a penetração e disseminação do gado, em vista da propria natureza das caatingas, mato aberto, devassavel sem esforço, abundante em gramíneas e ramas forrageiras altamente nutritivas.

Enquanto os colonos portugueses ou de origem exotica se entretinham na agricultura do Reconcavo, feita sem perigos, à sombra das autoridades, a criação devia ser reservada aos escravos e aos mame-lucos, que não trepidavam no embrenhar-se pelos matos longinquos e situar-se onde as condições locais lhes parecessem boas. Quando muito, algumas pessoas ricas e já bem firmadas na terra, donos de engenhos, tiravam sesmarias e as mandavam povoar com alguma semente de gado que confiavam a vaqueiros fiéis. «Contentes com o embólso do preço das boiadas, não visitavam suas propriedades», de incomodo e perigoso acesso. Tempos depois, esses proprietarios e muitos colonos, já não encontrando ocupações suficientemente remunerativas nos engenhos, se aventuraram pelos sertões, indo morar nas fazendas ou em situações novas, isolando-se perdidos e contentando-se quasi sòmente com os recursos minguados da terra.

Segundo o sabio alemão von Martius,—«concorrerá também para isto o espirito de liberdade, propulsor do povoamento dos sertões do Norte, ao contrario dos do Sul, em que a ambição de lucro foi a alavanca». (*apud* Capistrano)

Contudo, os nativos e seus descendentes continuaram numericamente dominando na região, ora como vaqueiros de colonos ou ricos senhores de Per-

nambuco e Baía, cujos afazeres e incomodos das viagens os afastavam quasi permanentemente das suas fazendas, ora como agregados indispensaveis daquelles proprietarios que se entregavam pessoalmente às labutas de criação primitiva, à lei da natureza.

O autor anonimo do «Roteiro do Maranhão a Goiaz» observa que, não havendo que derrubar matas, quasi nada se muda a superficie da terra; levantada uma casa, coberta pela maior parte de palha, estão povoadas três leguas de terras (Capistrano de Abreu). Por este motivo, o Nordeste povoou-se mais rapidamente do que a região das minas e das matas.

A multiplicação do gado foi verdadeiramente prodigiosa entre o São-Francisco e o Parnaíba, isto é, no dominio das caatingas. A exploração tornou-se sobremaneira rendosa, porque não exigia despesas, tudo era lucro, e, nestas condições, podia afrontar as sêcas. O gado que destas se salvasse seria ainda lucro e semente para ulterior e rapido aprovisionamento dos campos. Os centros consumidores, Baía, com o seu Reconcavo pontilhado de engenhos, e Pernambuco (Olinda, Recife, praias e bangüês) viram-se bem cedo ligados aos campos de criação, por meio de caminhos para a condução das boiadas. Eram estradas sinuosas, mas largas, evitando as matas onde faltava alimento para o gado, as serras de difficil acesso e as chapadas desprovidas de aguadas, que serpenteavam pelas caatingas adustas. Os productos dos sertões—os gados—eram mercadoria que se não onerava com o transporte, pois—«não necessitam de quem os carregue; eles são sós os que sentem nas longas marchas todo o pêso do seu corpo».

As boiadas desciam aos magotes de cem e duzentas cabeças, conduzidas por gente perita e destemida, no meio da qual não faltavam os indios. O modo de levar o gado era pitoresco e inteligente. Certos *tangerinos* iam adiante, cantando uma toada monotonica e quasi lugubre que, parece, embevecia a manada; outros ficavam ao couce, falando às reses retardatarias. Assim caminhavam diariamente de 4 a 6 leguas, conforme as pastagens e as aguadas.

Os sertanejos, cuja atividade era exclusivamen-

te empenhada nos labores da criação e do seu comércio, passavam por «gente perversa, ociosa e inútil, pela aversão que tinham ao trabalho da agricultura». Porém cumpre notar que essa gente não podia entregar-se a outros cuidados, maximè à agricultura, cousa difícil, incerta e perigosa nas caatingas, onde vivia; as serras frescas ainda não eram bem conhecidas e nelas em geral se acastelavam os indígenas que ainda se não haviam acomodado à nova vida.

Natural, pois, é a nota daquele autor desconhecido do «Roteiro»: «Tem a este exercício (o das fazendas de gado) uma tal inclinação, que procura com empenho ser nele ocupada, constituindo toda a sua *maior felicidade* em merecer algum dia o nome de vaqueiro.» Ainda hoje, nos centros de criação mais importantes do sertão, é assim. Isto, em parte, provém de causas psicológicas que as condições físicas da terra reforçam.

Os vaqueiros e os seus agregados e ajudantes, quasi unicos habitantes desses rincões, sabem que os seus pais não exerceram ali atividade diversa; a tradição apegá-os fortemente à profissão dos seus maiores, profissão que, por sua vez, tem atractivos poderosos. O vaqueiro goza de uma liberdade ampla, não tem patrão muitas vezes e, quando o tem, este é antes um sócio a que elle acompanha pela superioridade que lhe confere o conhecimento da terra, do gado, dos métodos de criação e a responsabilidade directa das cousas da fazenda. A vida do vaqueiro é pouco atormentada: não lhe preocupam o espirito aborrecidos trabalhos materiais sobre que tenha de meditar, nem a possibilidade de secas destruidoras, nem os negócios economicos ou a manutenção e educação da familia. Não podia haver profissão mais adequada aos descendentes dos indígenas, habituados a uma vida sem coacção de ordem administrativa.

A sua atenção principal é dirigida no sentido de manter nédio e forte o cavallo de sela, com que rodeia, caça ou derruba as reses recalcitrantes, com que se exhibe nas fazendas vizinhas ou nos povoados e aldeias, perante os colegas e os proprietarios de outras *situações*. De fato isso devia ser assim mes-

mo, era o determinismo cosmico-social que o impunha. Nas fazendas de criar (ainda presentemente é a regra) os trabalhos materiais são quasi nulos nos anos normais, nove sobre dez no correr dos tempos. A vastidão quasi infinita dos campos de criar dispensava *mangas* ou áreas cercadas, cujas necessidades são relativamente recentes e de mais a mais imperiosas com a introdução de reprodutores exóticos e caros.

Não havia agricultura, senão raramente em pequenos tratos nas coroas dos rios, onde alguns agregados se davam ao trabalho de cultivar uma insignificancia de milho, feijão, melancia, algodão. Pouco bastava, porque a terra fértil oferecia rendimento espantoso e escassas eram as bocas para o consumo dos cereais e legumes. Com o algodão, fiavam-se e teciam-se em toscos teares fazendas grosseiras e principalmente rêdes de dormir. O commercio era insignificante e os artigos da sua predileção tiravam-se do proprio gado. A pele dos ruminantes domesticos chegou a ser materia prima de applicação quasi universal entre os sertanejos do XVIII seculo. As grandes necessidades de alimento, satisfazia-as o gado—a carne fresca e sêca, a que o sertanejo sempre foi afeiçoadissimo, o leite de vaca, durante a estação pluviosa, e o queijo, em todo o tempo. Mesmo no verão contava-se com o queijo de cabra, cujos rebanhos se nutriam com ramas e cascas de arbustos e arvores. O mais, isto é, a rapadura e a farinha, obtinha-se em troca do couro das reses sacrificadas para o consumo e pelas *morrinhas*.

A indumentaria simplissima pouco exigia. Os homens usavam em casa ceroulas e camisas de algodão que as mulheres da familia fiavam e teciam; no campo, a roupa de couro de veado, caprichosamente curtido e finamente pospontado, que lhes protegia o corpo dos espinhos. As mulheres vestiam camisa de fazenda mais fina, de *cabeção* muito aberto e mais ou menos adornado de rendas, e saias de chita, artigos que, com a roupa domingueira, eram comprados nas cidades pelos passadores de gado que conduziã as boiadas às feiras ou por seu intermedio encomendados.

Mais tarde, com o desenvolvimento das aldeias, as lojas locais ofereciam aos sertanejos vizinhos tecidos, linha, alguma ferragem, enfim, tudo quanto dantes era adquirido custosamente nos centros litoraneos. Já então se plantava mandioca e se fazia farinha.

Com o aumento de importancia das fazendas derramadas pelos sertões e a vinda de pessoas habituadas a outras exigencias, proprietarios que se domiciliaram no interior, oriundos dos engenhos, sobretudo de Olinda, de Guiana, de Penedo, da Baía, do Recife, etc., a situação economica e o trato domestico de muitas fazendas sofreram sensivel alteração, se bem que a tecnica da criação se não modificasse. Os generos de maior valor, tecidos caros, utensilios que os artifices locais não sabiam fabricar, tiveram de ser comprados nas praças da Baía e Pernambuco, com o produto das boiadas. O nivel cultural elevou-se um pouco, mas as lutas armadas que resultaram dessa nova situação não permitiram um surto notavel da civilização sertaneja.

Dentre os fazendeiros que vieram pessoalmente assistir nos seus dominios, alguns, querendo ostentar maior poderio, independencia e riqueza do que outros, dominados dos mesmos sentimentos de grandeza, numa competição desarrazoada, interesseira e até criminosa, não raras vezes deram origem a conflitos sangrentos que o meio áspero e despoliciado, o animo belicoso dos indigenas e dos seus descendentes e o orgulho dos potentados estimularam até a perpetração de grandes crimes, horriveis tragedias e a propria guerra. Esta situação, que culminou no segundo quartel do penultimo seculo, foi fertil em desastradas consequencias na ordem economica. Os proprios autores desse estado de cousas, sem o amparo da experiencia, que o espirito de rixas não deixava tempo à observação das cousas estranhas às lutas, sentiram o pêso das sêcas que devastavam uma vez por outra os currais, desbaratando-lhes os haveres. Por esse motivo, as comunicações com os grandes centros, focos mais intensos de irradiação cultural, foram escasseando. O desenvolvimento da criação atingia agora as proximidades daqueles nú-

cleos que já se podiam abastecer em parte com produtos das fazendas vizinhas, dispensando a contribuição das mais longinquas, isto é, das dos sertões de além Borborema, do Ceará e Piauí. Em compensação, outros centros de menor importancia se disseminavam pela marinha, ao abrigo dos estuários. Mais proximos e mais modestos, atraíam de preferencia os fazendeiros. Dentre outros, cumpre citar Guiana, Mamanguape, Mipibú e, principalmente, Aracati, no Ceará, onde breve se estabeleceram fabricas de carne sêca (xarque) para a exportação.

Ao mesmo tempo e em consequencia dessa circulação, as autoridades litoraneas puderam conhecer melhor o sertão e logo passaram a influir naquele meio.

As lutas entre os potentados preparam o germe do banditismo que a injustiça das autoridades fez desenvolver-se (2). A expulsão dos jesuitas que governavam as aldeias e incutiam no espirito dos indios os principios da religião cristã, concorreu também para exacerbar aquele germe nefasto que até hoje nos traz dificuldades enormes.

Esboçamos assim, em largos traços, a formação etnografica (não dizemos etnica) do sertanejo das caatingas nordestinas. Devemos agora completar estas observações com uma rapida apreciação do aspecto demologico desta população, no momento presente.

O estudo de determinada população, em pleno evoluer, dentro de uma área geograficamente definida, pode fazer-se partindo dos caracteristicos etnicos da sua formação, visto como o aspecto da vida social depende essencialmente dos atributos raciais geneticos, modificados pela acomodação ao meio. Neste caso, importa perquirir, em cada grupo formador, a preponderancia do tipo constitucional, isto é, a sua fórmula endocrinica que, como se sabe, está intima-

(2)—Ainda hoje se registram com tristeza causas desta especie.

mente relacionada com as qualidades fisiopsíquicas (tipo de temperamento, de intelligencia, etc.).

Talvez fôsse mais conveniente estudar directamente no sertão nordestino as características somáticas, os painéis drapenianos ou os tipos kretchmerianos e depois ascender às origens formadoras, para se obter uma prova da exatidão das observações directas.

Entretanto, certas dificuldades, oriundas da insufficiente extensão das observações locais, nos desviam desse caminho, induzindo-nos a seguir aquella ordem inversa, mais acentuadamente analítica, a qual, por fim, nos conduzirá aos resultados das observações directas, tanto mais exatas, quanto mais conformadas ao processo genetico verificado no decurso da evolução dos elementos formativos no meio sertanejo. Importa contudo notar que os resultados a que se há de chegar, por esta ou por aquella via, serão ainda bastante incompletos, para que sejam tidos como acabados e definitivos; devem ser considerados antes como aproximação que estudos estatísticos posteriores modificarão, aconchegando-os mais à verdade.

Os tipos ethnicos que concorreram para a formação da nacionalidade, no Nordeste do país, são, como é do conhecimento de todos, o ariano peninsular, particularmente o português dos séculos XVI a XVIII, o africano importado e o amerindio que occupava a região ao tempo da conquista. Perturbando a miscigenação desses tipos, há que contar com doses menores de sangue nordico infiltrado directamente pelos holandeses que occuparam, durante mais de meio século, o litoral; de sangue semita espalhado pelos judeus e, finalmente, de sangue cigano, que Portugal mandou derramar nestas regiões da sua grande colônia americana.

Após a reconquista da península iberica aos arabes, duas monarquias semelhantes, à testa de um povo aventureiro e místico, bravo e fanatico, se formaram com as surpresas das guerras, o fragor das batalhas e o entusiasmo das vitórias. Durante séculos de lutas frequentes se forjara a alma nacional, vibrante de exaltação belicosa, simples, quasi inge-

nua, fragosa e dura até a crueldade, mas estuante de força, contendo numa tensão desmedida energias insopitáveis. Uma espécie de seleção natural eliminara quasi todos os que não tinham as virtudes de guerreiros, os mal-conformados, os tímidos e os inertes, cujas reliquias se recolhiam à paz dos conventos. Ficavam os fortes, os ousados, os que se podiam adaptar facilmente às circumstancias especiais de um quasi contínuo estado de lutas.

Abrasados pelo fervor divino, sedentos de movimento, dinamicos, sanguinarios pela prática secular de matar inimigos, endurecidos pelo exercicio das guerras, sentem os novos ibéros uma predestinação que não é possível compreender. Embriagados pelas vitórias faceis sobre o inimigo fugitivo, julgam-se duplamente fortes, mercê da sua propria constituição organica e graças à grande fé cristã que lhes sublima a existencia.

Tanta energia destarte acumulada era força viva que não podia desaparecer rapidamente com a cessação dos conflitos oriundos da defeccção do inimigo. Tal energia constituía de certo capacidade de impulsão, quantidade de movimento, resultado logico da integração individual e secular de um povo formado como vimos de referir acima. O seu valor cinetico devia, pois, ser consideravel. (3)

Sabe-se hoje que os principios universais de inercia e de conservação de energia se applicam também aos fatos historicos, sociais e biologicos.

Podemos, consequentemente, concluir que não seria possível, a inercia não permitiria que a massa que concentrara tão grande energia estancasse de repente. Era mistér, por efeito desse determinismo fisico, que se operasse alguma transformação proporcional e compativel com as circumstancias do meio cosmico-social.

Essa transformação de energias prestes a se processar podia ser prevista, aliás diversamente, a

(3) — É curioso observar como ainda, presentemente, a maioria destas qualidades explicam detalhes dos terriveis acontecimentos que ensanguentam o solo da Espanha.

luz de outro principio da fisica social. Nos primeiros lustros do XV seculo, armaram-se os termos de formidavel dissimetria no espaço social do circulo iberico. De um lado, numa concha da balança, pesava vigorosamente a educação militar de um povo, feita em lutas sangrentas e multisseculares; e, do outro lado, a concha quasi vazia se elevava, balouçando à feição de problemas sociais de ordem economica e politica, mas sem gravidade bastante para equilibrar a situação. Consequentemente, por força do principio de Curie aplicado às ciencias sociais, fenomenos de simetrização teriam de surgir no sentido geral de modificar ou degradar progressivamente a estrutura militar, fundamente burilada na almas das nações peninsulares, porém já quasi inutil.

Ter-se-ia de achar porta bastante larga por onde se escoasse essa indomita energia calcada no peito dos guerreiros, que eram, não só a fina flor da sociedade (que os conventos não atraíram e recolheram, com as suas organizações economicas de base agraria), como também a quasi totalidade da população pleblea. Uma especie de indução eletrica fazia também vibrar os corações femininos, estimulando a ansia de aventuras que pairava como um véu diáfano por sobre as monarquias peninsulares.

Já não havia campos de batalha que compor-tassem feitos proporcionais à educação militar, inconscientemente gravada no âmago da psique nacional, onde os atributos guerreiros se pudessem plenamente exercer.

Daí, o transbordar da onda rolando para a Africa vizinha, quasi à mão. A tomada de Ceuta (1415), pelos portugueses, e a pretensão da conquista de Marrocos devem ser consideradas como efeito precipuo da energia dos lusitanos, quando já não havia mouros para combater no seu proprio territorio.

Importa notar bem que o novo fenomeno devia ser compativel com as circunstancias de simetria do meio.

Naquela ocasião, a marcha da transformação da energia definida teria de obedecer às condições naturais do meio, seguir pelo caminho de menor resis-

tencia. Por isto, aquela energia, sob tão elevado potencial, não poderia passar a uma energia construtora, de aspecto pacifico, como, por exemplo, o amanho das terras, o desenvolvimento ou aperfeiçoamento das industrias, a criação de processos politicos novos, etc. A lavoura, devido mesmo à insegurança pessoal consequente das lutas, havia-se abroquelado nos latifundios dos conventos. As industrias e officios, malgrado os esforços dos reis, não avultavam e assim tudo mais quanto importava à economia nacional fora da projecção do mar,—conquistas ultramarinas, commercio, escravidão. De fato, o rumo mais compativel com os dados do problema apresentava-se naturalmente como uma condição da geografia fisica da Peninsula: o caminho do mar. Aí estava a linha de maior atracção e de menor resistencia.

Sulcar oceanos desconhecidos, conquistar para a economia nacional regiões remotas, porém fabulosamente ricas, arrebatando de mãos estranhas o monopolio do commercio das Indias, ganhar para Deus almas aos milhões, eram certamente empresas mais bem ajustadas à feição moral e à contextura organica de gente afeita ao rigor das batalhas e percalços de guerras seculares.

Assim, pois, o grande drama dos descobrimentos portugueses há de ser considerado como a resultante logica e natural das circunstancias historicas, geograficas, etnicas e sociais que os precederam.

Os trabalhos arduos e perigosos das navegações, as conquistas faceis e enganosas, o luxo e os vícios do ocidente, o desenvolvimento do mercantilismo parasitario, a escravidão dissolvente do negro, que succedeu à do mouro, a decadencia da agricultura, a insuficiencia alimentar contribuíram então para a degradação daquelas energias.

Logo após o descobrimento, o Brasil não despertou interesse. Sòmente depois de alguns anos, começou a colonização com gente que ainda trazia na alma os remanescentes daquelas energias, porém agora mais afeita à mercancia. As circunstancias geograficas da terras impunham todavia a exploração agraria.

Quando se reconheceu que valia a pena explorar o Brasil, o que restava no Reino e até na Índia portuguesa de mais eugenico, de mais forte, de mais aventuroso e dinamico se encaminhou para cá. Houve uma evidente seleção emigratoria. Realmente, para emigrar de um para outro continente, viajar décadas e décadas no bojo de frageis embarcações, em busca de terras desconhecidas, cheias de indios bravios e antropofagos, mudar de genero de vida, deixar familia, o aconchego do lar, é preciso dispor de forte dose de coragem, de excepcional energia, de cego fatalismo, imprevidencia e instinto aventuroso. Segundo A. Bell, o carater português é cheio de contrastes, mistico, poetico, calmo, docil, ao mesmo tempo que impetuoso e cruel, etc.

Mesmo os degredados, que foram obrigados a vir para o Brasil, não eram todos gente, como se supõe geralmente, tão indesejavel. Os crimes que então se puniam duramente nem sempre tinham gravidade em proporção com as penas estatuidas. Na maioria, eram de natureza religiosa ou sexual e absolutamente destituídos de importancia.

A penetração dos sertões nordestinos começou na ultima metade do seculo XVII, quando já as terras litoraneas do Pará a S.-Vicente eram mais ou menos colonizadas. Em Pernambuco e na Baía, havia cêrca de um seculo floreciam os engenhos opulentos, com a sua escravatura africana e poucos indios.

A guerra holandesa alargara a faixa de colonização, porém o sertão, de que já havia, pelo commercio dos indios, mais amplas informações, continuava inexplorado. A luta tivera também o efeito eugenico de reavivar e retemperar em dose apreciavel, nos portugueses imigrados e nos seus descendentes, o instinto de aventuras, o dinamismo das antigas guerras e dos descobrimentos, com as suas virtudes correlatas. Daí, a iniciativa das bandeiras e entradas, que nestas paragens não tiveram nas minas e na insignificancia das lavouras o estímulo do dinamismo

-paulista. Sem as lutas para a expulsão dos batávicos, a penetração do Nordeste do Brasil, teria sido retardada ainda por alguns anos. Não se podia exigir dos agricultores de cana, gente radicada fortemente à terra fértil que tudo produzia, gente cujas energias eram todas absorvidas pela labuta das plantações, da moagem e do comércio, empresas que exorbitassem da vizinhança dos seus largos domínios. Demais, os engenhos, com a sua pomposa economia e complexa estrutura social, incorporavam os forasteiros que vinham do reino à procura de trabalho remunerativo. A gente das bandeiras e expedições ao sertão não se recrutava entre esses agricultores, eram tipos mais afeitos às aventuras, soldados ou ex-soldados portugueses, mamelucos e índios mansos.

Nessas penetrações, não raro, entre as tribus longínquas ficavam elementos das bandeiras, que se incorporavam à sociedade indígena.

Mal desbravado e mal defendido contra os índios, o sertão se foi colonizando com gente valorosa que não temia enfrentar a solidão perigosa que os primitivos habitantes exasperados não queriam abandonar aos invasores. Mesmo rodeado de índios mansos e mamelucos destemidos, o português ou o mameluco que se aventurava a tanto devia possuir dotes excepcionais de coragem e energia. O elemento lusitano, geralmente oriundo das explorações do litoral ou recém-chegado do reino, muitos deles ex-soldados dos presídios ou das expedições de reconhecimento e de guerra contra os índios, não era avultado. Esse português, herdeiro direto dos caracteres somáticos e fisio-psíquicos dos seus antepassados, mistura de autóctones da Península com adventícios vários, sobretudo africanos (mouros), trazia certamente a fórmula genotípica característica que atualmente (e pouco deve diferir da de 200 anos passados) é a seguinte: dolicocefalo 90 %, braquicefalo 10 %, moreno 99 %, louro 1 %, estatura alta 1 %, estatura baixa 99 %, cabelos escuros 85 %, castanhos 15 %, ondulados 90 %, lisos 10 % (Ripley).

Os elementos predominantes: dolicocefalia, tez morena, cabelo preto e ondulado, estatura baixa e olhos escuros (fórmula fenotípica), são aqueles que

mais se correlacionam com o temperamento ciclotímico. Realmente, o português dos descobrimentos, segundo Capistrano, *apud* Costa Lobo, era fragueiro, de imaginação ardente e propenso ao misticismo; forte e cruel! Segundo outros autores, era contemporizador, de «constituição social vulcanica» e de extrema sensibilidade religiosa.

Segundo o reinol, vinha em maior numero o português nascido na terra, o mazombo, naturalmente melhor aclimado, mas menos estimado socialmente diante da pretensão de superioridade cultivada pelos advenas.

A facilidade extrema com que o colonizador lusitano se unia às gentes nativas das terras conquistadas, às mulheres das raças de cor, dificulta a apreciação científica da sua aclimação nos tropicos. Todavia, há algumas observações interessantes. Segundo G. S. Correia, os descendentes de portugueses imigrados há mais de 200 anos na Índia e na África conservam os característicos antropologicos e fisiologicos dos atuais metropolitanos. Colonos portugueses no Havai (operarios) demonstram possuir qualidades morais, valores psiquicos não inferiores aos que revelam no país natal. Verificou-se ali que, em previdencia, resolução, pertinacia, «self-control», fidelidade, «self»-determinação, eles são apenas um pouco inferiores aos japoneses e chineses seus concorrentes.

Desde os primeiros tempos da colonização, foram introduzidos negros africanos e crioulos no sertão nordestino, como auxiliares dos vaqueiros. Alguns ali chegaram fugidos dos engenhos e das cidades da costa. Memoram este fato localidades com os nomes de *quilombo* e *muçambo*.

A mineração colonial no Cariri (vale do rio Salgado, no Ceará) levou àquela zona 67 negros bantos, escravos moços e fortes que por lá ficaram. Anteriormente (1742), arribara a Fortaleza o bergantim N.-S.-do-Socorro, com um carregamento de negros

da Guiné. Pessoas abastadas adquiriam no Recife escravos africanos, para o serviço domestico.

A contribuição do sangue africano nas populações nordestinas é pequena e com manifesta tendência para diminuir. Algumas razões de ordem geográfica e social concorreram para esse fato. A terra imprópria para a lavoura e, portanto, quasi inculta durante o periodo colonial dispensava o concurso do trabalhador escravo, isto é, do negro africano. As sêcas frequentes e devastadoras por vezes atingiam nos seus efeitos a vida dos seres humanos, fazendo victimas de eleição nos escravos (negros), dentre todos os menos amparados contra o flagelo, em vista da inferioridade das suas condições sociais. No rigor das calamidades, os senhores, muitas vezes sem meios de resistencia que protegessem eficientemente a sua propria vida e a da sua familia, facilitavam a fuga dos escravos famintos, quando deles não podiam dispor, vendendo-os aos agentes negreiros de outras provincias. Para que se faça uma idea justa dessa especie de seleção eliminatória do sangue africano no Nordeste, basta se atente no seguinte fato historico, ocorrido na sêca de 1791-1793. Nesse periodo fatidico, morreram de fome muitos escravos negros da abadia de S. Bento, na Paraíba, de cuja avultada escravatura escaparam apenas os cativos que conseguiram manter-se nutrindo-se com ervas agrestes! Ora, se tal aconteceu com os escravos de um convento prestigioso, bem maior devia ter sido então o morticínio ou a fuga dos escravos dos particulares estabelecidos nos longinquos sertões mais rigorosamente açoitados pelo flagelo climico.

Os comerciantes de escravos acabaram conhecendo bem as circunstancias dificeis dos fazendeiros nordestinos durante as sêcas calamitosas e as exploravam como podiam, concorrendo para desfalcicar os negros dos nossos sertões.

Dai, as causas principais da reduzida percentagem do elemento ethnico africano nas gentes das caatingas. Em 1904, entre 320 operarios que serviam na construção do «Canal do Sul», da rêde de irrigação do açude «Cedro», em Quixadá, apenas se contava um negro (crioulo) que parecia puro. Em 1909, no início da construção do açude «Acarape», entre

850 operarios, sòmente existiam três negros nas mesmas condições.

A tendencia para a diminuição progressiva do negro é manifesta no Brasil onde, em 1798, tinhamos 1.767.000 negros para 1.010.000 brancos (Santa-Apolonia); em 1818, 1.728.000 para 1.043.000 brancos (Balbi); em 1872, deviamos ter 16,5% de negros e 38,1% de brancos, percentagens que o recenseamento seguinte, de 1890, modificou respectivamente para 12% e 44 o/o. Em 1922, Roquete-Pinto computa a proporção em 14% de negros, contra 51% de brancos. Vê-se que a marcha para o aniquilamento é bastante rapida. Nas caatingas do Nordeste essa marcha parece igualmente acelerada, conquanto as causas determinantes nem sempre sejam as mesmas de outras regiões do Brasil. Efetivamente, em S.-Paulo e alhures, o desaparecimento do negro está fortemente condicionado às más condições de hygiene em face das do clima e consequentes à sua inferior condição social. No Nordeste, essa causa influe numa proporção evidentemente muitissimo menor. Ao tempo da exploração da borracha no Amazonas, a emigração dos negros foi bastante sensivel e alí, menos do que os caboclos, sabiam lutar contra a agressividade do meio, do que resultou um retôrno insignificante. Mas, no meio sertanejo, o negro se adapta quasi tão bem como qualquer outro tipo etnico que tenha concorrido para a população local.

No Ceará, em 1872, o recenseamento official, para uma população de 721.686 almas, achou apenas 42.593 pretos de ambos os sexos, contrapondo-se a 268.836 brancos (certamente inclusive todos os seus fenotipos em reversão para tipo branco), ou sejam respectivamente 5,8% de negros e 37,2% de brancos. Nesse tempo, só restavam no Ceará 233 negros africanos, contrastando com 1.292 europeus (brancos puros).

Em 1922, o dr. Lôbo da Silva, com cêrca de 30.000 fichas de soldados do país, verificou que, no Ceará, a percentagem do negro sobre o total dos individuos examinados era de 7 o/o, e a de brancos ascendia somente a 38 o/o.

Para os Estados nordestinos, os dados desse illustre antropologista são :

ESTADOS	Branços	Mestiços	Negros
Ceará	38 %	53 %	7 %
Rio-Grande do Norte.	37 %	58 %	3 %
Pernambuco	58 %	35 %	6 %
Alagoas	34 %	55 %	8 %
Sergipe	39 %	36 %	17 %

Estas percentagens não correspondem aos coeficientes ethnics, pelo facto incontestado de que os três elementos das populações nordestinas não procuram o exercito em proporções análogas. Os brancos se esquivam mais do que os mestiços e os negros. Todavia servem para mostrar a redução extraordinaria do elemento negro e para salientar o aumento do branco que, apesar da sua repugnancia pela baixa milicia, ainda acorre com taxa tão elevada.

Os dados colhidos nos recenseamentos officiaes também não exprimem a verdade com rigor, visto como os mestiços de consideração se declaram geralmente como brancos. O numero destes, pois, deve estar exagerado, em detrimento do cômputo dos mestiços.

Das considerações aquí expendidas, podemos admitir para a população cearense de 1912 as seguintes percentagens ethnics:

Leucodermos	35 %
Faiodermos e xantodermos	61 %
Melanodermos	4 %

Dos numeros aí anotados, tira-se todavia que o contingente de sangue africano diluído na massa da nossa gente sertaneja não é de todo desprezível e deve ser levado em conta no estudo da população.

Para o Brasil, vieram negros de várias ethnias africanas, portanto de varios tipos constitucionais. Em Pernambuco, porém, onde o sertão nordestino foi buscar quasi todos os seus escravos pretos, pre-

dominavam os bantos da área cultural do Congo. Entretanto, como elemento accidental, havia negros sudaneses da área cultural ocidental, que se irradiaram principalmente da Baía, de ordinario não attingindo os sertões da Paraíba e do Ceará.

Esses negros, segundo o retrato descrito por Frederico Müller, e completado por outros observadores, seriam predominantemente, pela biotipologia de Kretschmer, do tipo "picnico", "ciclotimico", ou referido ao "braquimorfo" dos autores portugueses e aproximadamente ao "brevilineo estenico" de Pende.

Os caracteristicos psiquicos dominantes desses negros e que mais impressionavam os observadores eram: fantasiosos, sensitivos e de uma serenidade expansiva; conformados com a sorte, sem preocupações do futuro, olvidavam rapidamente o passado. Sem energias notaveis, pareciam dotados de muita bondade; sem espirito de previdencia, eram hospitaleiros e magnanimos. Benevolentes para os amigos e cruéis para os contrarios, mas a sua colera desaparecia rapidamente. A vida que levavam estava cheia de contrastes, como os seus sentimentos, alegrias e tristezas; embalavam-se em esperanças e afundavam-se em terrores insensatos; avaros e prodigos, ao mesmo tempo (Müller).

Embora os bantos mostrem alguns tipos constitucionais diferentes, em consequencia dos cruzamentos com os povos vizinhos, sudaneses, boximanes e hotentotes, oferecem contudo um tipo primitivo que ressalta do confronto: talhe inferior à média dos negros, cabeça achatada e relativamente menos prognata, nariz mais proeminente.

Dentre êles, o Nordeste recebeu sobretudo os *angolas*, que passam por terem dado o tipo do capadocio, engraçado, perito na arte culinaria, sensual, de maneiras delicadas e insinuantes.

Segundo o testemunho do pintor holandês Z. Wagner (1661-64), os cativos africanos de Pernambuco — «não se importam com o futuro e cuidam sòmente de encher bem a barriga, têm contudo esperança de uma vida melhor; as mulheres são esbeltas como os homens e bem proporcionadas». Um observador francês que percorreu o Nordeste no começo do se-

culo passado diz que os escravos africanos são menos robustos do que os carregadores europeus; têm o peito abaúlado e as coixas nervosas; pele preta, luzidia e glabra; braços e pernas de ordinario fracas; mas, não raro, se vêem negros de formas apolineas. As negras, segundo o mesmo autor, ostentam geralmente talhe flexível e elegante, ombros e braços bem modelados, peito firme e carnudo, movimentos suaves e cheios de graça, perna regular e pé estragado por falta do calçado. Os viajantes ingleses Bates e Wallace acharam os negros alegres, vivos e loquazes. Pitt-Rivers aprecia a espontaneidade das suas danças.

A respeito dos angolas, talvez a nação que mais contribuiu para a mescla do povo nordestino, já Gaspar Barlaeus, em 1640, os considerava como sendo os mais laboriosos, e Koster os julgava mais aptos para os officios mecanicos. Henrique Dias, o chefe negro, em carta para os holandeses (1647), informa que os *minas* são bravos, os *ardas* fogosos e os *angolas* tão robustos que nenhum trabalho os cansa. Bryant e Seligman exaltam a memoria, a intuição, a percepção e a assimilação dos negros e notam que as crianças bantos, até os 12 anos de idade, são intellectualmente mais precoces do que as europeas (G. Freire, in «Mental Development of the South African Native»).

A área cultural do Congo, fonte mais abundante do negro das caatingas, era particularmente agricola, tendo cabras, porcos, galinhas e cães domesticados. Havia ali mercado para o commercio dos produtos agricolas, ferros e balaios; escultura artistica em madeira, etc.

O terceiro elemento etnogenico do Nordeste é o amerincola. Duas familias concorreram principalmente para o caldeamento. O *tupí*, cujas tribus belicosas habitavam o litoral do Ceará para o sul e certas pequenas zonas do interior, como o trecho setentrional da serra da Ibiapaba. A outra familia que, ao tempo do inicio da colonização, ocupava o interior da Baía ao Piauí, e cujo concurso foi muito mais importante, é a dos *carirís*, nações de tapuias.

Além dessas, algumas tribus também tapuias de

outras famílias, em zonas reduzidas, em trechos diferentes do largo territorio nordestino das caatingas, pertencentes aos grupos *Gês* e *Caraíbas*, participaram da miscigenação etnica. Encontraram-se também ameríndios que não podem ser referidos a nenhuma das famílias conhecidas, como os remanescentes que ainda hoje vivem mais ou menos isoladamente, nos sertões pernambucanos, os *Carnijós* ou *Fulniôs*, com língua e cultura especiais, os quais vêm, entretanto, de há muito, embora lentamente, sendo incorporados às populações sertanejas.

Quando os invasores europeus chegaram ao Nordeste do Brasil, aí apenas se esboçavam duas áreas culturais diversas. A litoranea no territorio que os tupís vinham de ocupar, substituindo os tapuias repelidos para o interior até a bacia do rio Jaguaribe, no Ceará, e a do sertão, compreendendo todo o interior nordestino, da bacia do rio Paraguaçu, na Baía, ao litoral do Ceará e das fraldas orientais da Borborema á bacia do Parnaíba, no Piauí, confinando todas as terras de caatinga onde viviam os *tapuias*, na sua grande maioria constituídos de tribus da família *Carirí*.

Pouco sabemos da biotipologia indigena, mas da sua cultura material poderíamos fazer uma relação bastante completa e instrutiva.

As caatingas do Nordeste, no comêço do XVII seculo, estavam muito mais habitadas do que se acredita e os elementos indigenas que as ocupavam não tinham essa mobilidade que os nossos historiadores têm registado. Eram muito mais ligados á terra do que se poderia crer possivel numa região batida por sêcas frequentes e devastadoras.

Os indios *Cariris*, supõe-se, desceram do norte ou noroeste, mas já ocupavam a região que habitavam havia longo tempo. Tinham sido repelidos do litoral, da Baía até o Ceará, pelos *tupís*, que aí os substituíram.

Segundo o testemunho dos holandeses, os tapuias nordestinos eram «extraordinariamente altos, fortes e corpulentos, cobertos duma pele bruna; usavam longos cabelos negros. As mulheres eram grossas e gordas». (Zacarias Wagner) Estes caracteres somaticos são confirmados por Ellas Herckman, que acres-

centa: «Os seus ossos são grossos e fortes, a cabeça grande e espessa (chata). Têm o cabelo muito grosso e aspero (4). As mulheres são indistintamente pequenas, mui bonitas de cara. Em geral (estes índios) atingem a uma idade muito avançada.»

Trata-se, pois, de gente alta e robusta (*corporum habitus robustus, minaces vultu*, diz Gaspar Barlaeus, que repete: *homines vasto corpore, deformi vultu, prolixo capillitio*); de cor escura, cabeça grande e chata, braquicefalos, como são os seus atuais descendentes.

Sob o aspecto dinamico humoral e psiquico, há que salientar a grande resistencia fisica que lhes permitia enormes caminhadas, rapidez extraordinaria nas corridas, e imprimir grande velocidade aos dardos e azagaias, quando os lançavam na guerra ou na caça. Essas qualidades eram tais que causavam admiração aos fortes soldados da Holanda. Alimentavam-se de toda a especie de animais silvestres e tão extraordinariamente, quando se lhes deparava oportunidade, que, segundo Herckman, «um homem podia comer tanto quanto 5 ou 6 dos nossos». Em compensação, eram susceptiveis de sofrer, sem demonstrarem indícios de fraqueza, durante 4 e 5 dias, absoluto jejum. Tinham o hábito singular e macabro de comer os cadaveres dos parentes, porque, de acôrdo com as suas ideas, «não se podia dar aos mortos melhor sepultura do que no corpo dos vivos».

O alimento que usavam era geralmente assado, quando a isto se prestava. Além da caça, nutriam-se com farinha de mandioca, tuberculos e frutas silvestres, mel de abelhas, milho (?), etc.

Os meninos aprendiam a andar com dois a dois e meio anos de idade e logo aprendiam também a nadar.

Em geral atingiam idade muito avançada, mais de 100 anos, segundo os cronistas holandeses.

Das doenças que os afligiam pouco se sabe, mas, provavelmente, não eram muitas nem graves, pare-

(4)—Estudos que estamos fazendo em esqueletos achados recentemente no interior do Ceará revelam diferenciações importantes.

cendo que, antes do contacto com os invasores, o que havia de mais comum eram as chagas ou feridas (behé), consequentes das lutas, as quais às vezes supuravam, exalando mau cheiro (cohé) e destilando pús (sané).

Os missionarios que com elles assistiam não registaram outras entidades morbidas além das que os atingiam depois daquele contacto. A bexiga, por exemplo.

Todavia, os *tapuias* sofriam algumas enfermidades que eram tratadas com extremos cuidados pelos seus medicos, habéis na sugestão terapeutica.

Misticos, acreditavam na immortalidade da alma, em seres sobrenaturais que invocavam e em honra dos quais celebravam certas cerimoniaes religiosas com canticos, como o *Waiuca* e o *Soponhiú*. Tinham oraculos, a quem consultavam quando queriam indagar dos parentes ausentes ou de cousas futuras.

Estes elementos são muito deficientes para a definição da formula endocrinica. O tipo ethnico parece não se enquadra em nenhuma das subdivisões de Viola e de Pende, mas deve ser um responsivo de Grote. Temos que o perfil dominante é o do braquitypo, talvez da terceira combinação de Barbára, senão, menos provavelmente, da variedade C do mesmo biotipista, apesar da estatura elevada a que se referem os observadores holandeses.

As características sociais que cumpre salientar são: organização politica que supera a dos seus vizinhos, mais completa sucessão hereditaria do governo, autoridade e distinção dos chefes maia desenvolvidas do que entre os tupís, uso de cabanas e rêdes, fidelidade das mulheres, que eram muito servicais e obedientes aos maridos, casamento com cerimonia complicada, poligamia, excessivo trabalho das mulheres, cerimonia de iniciação dos rapazes e de funerais com a manducação ritual dos cadaveres, inclusivè dos ossos, culto dos mortos e grande respeito aos velhos. Agricultura rudimentar, ceramica abundante, armas menos perfeitas e cuidadas do que as dos *tupís*. Empregavam, entretanto, o propulsor de palheta, que aqueles seus vizinhos não usavam. Machados e utensilios de pedra polida.

Vivendo fora da zona das caatingas, que só acidentalmente perlustravam, os *tupís* pouco concorreram para a formação étnica dos sertanejos do interior. Eram contudo índios de estatura mais baixa e cor mais clara, porém muito membrudos, alegres e folgazões. Guerreiros mais habéis do que os *tapuias*, destemidos e altamente vingativos. Habéis navegantes nos rios e no mar, em canoas que sabiam construir. Amigos de danças, folguedos e bebidas alcoólicas. Muito asseados e hospitaleiros. Antropofagia guerreira e ritual. Religião mais rudimentar que a dos *carirís*. Viviam atormentados por terrores absurdos. Agricultores mais adeantados que os seus vizinhos, mas, como eles, não possuíam animais realmente domesticados. Cerâmica e arte culinária relativamente desenvolvidas, porém muito inferiores às dos negros africanos. Praticavam a *couvade*, que era desconhecida dos *carirís*. Dotados de grande memória e espírito de imitação, gostavam dos discursos, histórias e lendas. Observadores, pacientes, místicos.

Entre os *tupís*, dominavam provavelmente os braquitipos mais bem caracterizados do que entre os *carirís*. O temperamento ciclotímico parecia o mais comum, embora não tanto quanto entre os negros.

Os índios nordestinos, sobretudo o *tupí*, evidentemente não podiam ser esses esquizóides típicos que parece ressaltam da descrição feita pelo nosso velho naturalista Rodrigues Ferreira, há mais de um século, por observação certamente de representantes de outras famílias ameríndias, talvez em posição social diversa da primitiva.

Os outros tipos étnicos que complicaram a miscigenação do Nordeste do Brasil, embora em dose pequena mas ponderável, foram os franceses, os holandeses, os judeus e os ciganos. Aqueles entre os tabajaras (*tupís*) da serra da Ibiapaba, mas sobretudo pelos mamelucos que vieram do Maranhão. Os holandeses ocuparam o litoral do Nordeste, de 1624 a 1654 e, mais do que se pode crer, deixaram vestígios do seu sangue nórdico, sobretudo no Rio-Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Nas cidades cos-

teiras, o elemento holandês remanescente foi rapidamente absorvido; porém dos que penetraram os sertões o tipo característico aflora, não raramente, de entre a massa étnica, teimando em recordar nas reversões atávicas a constituição da gente flamenga, o longitipo astenico, francamente esquizóide. Em certas regiões, é mais comum do que o reversivo africano. Pode ser que, em parte, a origem desses sertanejos dolico-louros não seja apenas a fonte flamenga do XVIII século, mas também o lusitano de origem germanica. (5)

E' bem conhecida a invasão de semitas judeus nos tempos coloniais em todo o Brasil, mas, principalmente, na Baía e Pernambuco, sobretudo durante o dominio holandês. Entretanto, como os sertões não ofereciam campo propicio às suas explorações mercantis, êles, de ordinario, restringiam sua atividade à zona dos engenhos e às cidades litoraneas. Sua influencia etnico-social no povo das caatingas é, consequentemente, desprezível. Todavia, por vezes, se deparam nos sertanejos o nariz convexo, o olhar vivo e brilhante, o labio inferior espêss, a redução do perimetro toraxico e o eritrismo, que lembram o povo de Israel.

Bem mais importantes que o judeu na etnogenia nordestina das caatingas são os ciganos, elemento de origem asiatica que a metropole portuguesa nos mandou a contar de 1718, como degredados. Êles começaram aquí a sua vida errante de nomades incorrigiveis, percorrendo o interior em grupos mais ou menos numerosos. Apesar da tendencia endogenica que manifestavam, a maioria encorporou-se à população sertaneja, sobretudo em virtude de uma determinação régia que dispunha fôsem os rapazes de pouca idade entregues a mestres que lhes ensinassem officios e artes mecanicas, e aos adultos se assentasse praça de soldados, repartindo-os pelos presidios (*in* Antonio Bezerra—«O Ceará e o Cearense»). Embora mal cumpridas, essas ordens concorreram para

(5)—Temos anotado varios tipos perfeitamente caracteristicos, cujos pais, entretanto, já não oferecem um quadro de elementos etnicos tão completo.

modificar o nomadismo desse povo, o que sobremaneira favoreceu a sua mistura com os elementos da terra.

O cigano, diz Antonio Bezerra (*apud* Lenan e Tissot), considera a liberdade o maior dos bens. Temperamento sanguíneo, ativo, ligeiro, inesgotável disposição de ânimo, concepção rápida, imaginação fértil, observador que sabe sempre apanhar o lado fraco das pessoas. Estima os bons ditos, os gracejos, e a sua presença de espírito sabe livrá-lo dos lances arriscados. Extremamente prolífico, acessível a todos os sentimentos generosos e leais.

Por este quadro de caracteres psíquicos, vê-se que o cigano deve ser um ciclóide. Estatura abaixo da média, mesocefalo e mesorrino (Boule, Pittard).

Temos especificadamente revistado em largos traços a constituição dos tipos étnicos que concorreram para a formação da nossa gente das caatingas. Resta examinar agora o problema complexo de como tais concorrentes se combinaram sob a ação modeladora do meio especial dentro do qual se vem constituindo e caracterizando esse tipo antropológico dos sertões nordestinos.

A determinação do *normotipo* ainda é problema por solucionar, mas no qual já laboram estudiosos dedicados. A despeito disto, podemos fazer, com o auxílio dos conhecimentos já adquiridos, uma série de considerações em torno do homem da Terra das Sêcas, que nos permitem compreender um pouco os motivos da sua situação presente, das manifestações mais variadas da sua atividade criadora, do seu comportamento perante a agressividade telúrica, dos processos atuais da sua adaptação social, das suas tendências, etc.

Dos fatores genéticos do perfil biotípico do nordestino das caatingas, já apreciámos o patrimônio hereditário: pouco há que dizer da sua morfologia, dos seus caracteres dinamo-humorais e da sua fisionomia psíquica. Dada, porém, a correlação desses elementos, face da pirâmide tetraédrica de Pende, o

conjunto das observações registadas permite a impressão de uma idea aproximadamente razoavel.

Pode-se avaliar a estatura média do nordestino através das fichas colecionadas pelo antropologista Lôbo da Silva, com que organizamos o quadro seguinte:

Estados nordestinos	Estat. baixa 1600 mil.	Estat. média 1600-1699 mil.	Estat. alta 1700 mil.	Estat. em mil.
Ceará . . .	32,9	57,6	9,5	1.622
R.-G.do Norte	38,8	57,3	8,9	1.622
Paraíba . .	24,8	57,8	17,4	1.632
Pernambuco.	27,4	56,7	15,9	1.632
Médias . . .	30°/o	57°/o	13°/o	1.627

A média da estatura encontrada para os quatro estados nordestinos é ligeiramente inferior à calculada para todos os estados do norte, da Baía, inclusive, ao Amazonas, a qual foi de 1629. As divergencias entre referidas médias provêm de que nelas se incluem os homens da faixa litoranea, mais ampla e mais rica de recursos alimenticios na Paraíba e em Pernambuco, onde justamente as percentagens da estatura elevada são mais fortes. No sertão, não há tais divergencias, devendo a média ser aproximadamente de 1629.

Para os estados do Norte, referidos, o dr. Artur Lôbo achou os seguintes dados, pelos elementos etnicos:

leucodermos . . .	1629
faiodermos . . .	1627
melanodermos . . .	1644
xantodermos . . .	1616

que podemos confrontar com os dos quatro estados nordestinos mencionados:

ESTADOS	Leucodermo	Faiodermo	Melanodermo	Xantodermo
Ceará . . .	1.626	1.616	1.616	1.621
R.-G.do Norte	1.620	1.623	1.628	1.585
Paraíba . .	1.632	1.633	1.624	—
Pernambuco.	1.632	1.630	1.645	1.637
Médias . . .	1.627	1.625	1.628	1.614

A comparação ressalta que todos os tipos são respectivamente mais baixos, sendo a maior diferença entre os negros, o que também se pode atribuir às melhores condições de alimentação dos estados do extremo norte e do amplo e populoso litoral da Baía.

E' de crer que, para o sertão, os dados sejam um pouco inferiores, como no quadro infra:

leucodermos . . .	1626
faiodermos . . .	1624
melanodermos . .	1626
xantodermos . . .	1612
média . . .	1622

Observando gente mais selecionada, sobretudo soldados do Corpo de Bombeiros da Capital Federal, o dr. Isaac Brown achou para os estados do norte valores mais elevados, como era natural, concluindo pela preponderancia de formas longitípicas relativas, nos leuco e faiodermos, mas sobretudo nos melanodermos.

Resumindo, vê-se que a população nordestina do interior é de «estatura média», segundo o criterio de Artur Lôbo 160/169 em relação ao Brasil, e, segundo M. Boule, 1600/1649 em relação à população do mundo.

Corresponde à estatura dos chineses do sul, dos judeus russos e dos ésquimos da Groenlandia.

Relativamente ao perimetro toraxico, que dá uma idea da resistencia individual, os dados fornecidos pelo dr. Artur Lôbo mostram que os indices mais elevados são os dos estados onde domina a população indigena — Amazonas, Pará, Goiaz.

A média geral para o Brasil foi de 833 mil metros, cabendo o maximo aos xantodermos com a média de 842. No Ceará, a média foi de 830, mas o tipo que aquí ofereceu maior perimetro médio foi o faiodermo, com 834. No Rio-Grande do Norte, a média geral ascendeu a 870, levando os faiodermos a primazia com a média relativa de 868. Na Paraíba, a média geral foi de 852, cabendo a primazia aos melanodermos, com a média relativa de 855. A média geral em Pernambuco foi de 829, tendo os xantodermos alcançado a média relativa de 853. Estes dados pedem observações. No Ceará, foram deduzidos de 1.393 homens examinados, ao passo que no Rio-Grande do Norte o foram apenas de 500, na Paraíba de 569 e em Pernambuco de 627, gente julgada apta para o serviço militar.

Mais interessante do que o perimetro taraxico é o indice de robustez de Pignet, que permite dar uma idea bastante aproximada da constituição quanto à robustez, relacionando a altura do individuo com o seu perimetro toraxico e pêso.

Os indices inferiores a 10 revelam excelente constituição organica; entre 11 e 20, constituição forte, muito boa; de 26 a 30, média; de 31 a 35, fraca, e de menos de 36, muito fraca. Em França predominam entre os conscritos indices de 21 a 25. Em 29.633 recrutas do exercito brasileiro, o dr. Artur Lôbo achou estas médias :

leucodermos . . .	25,2	constituição	média
faiodermos . . .	24,0	»	boa
melanodermos. . .	23,2	»	»
xantodermos . . .	24,6	»	»

A maior robustez, tivemos-la no soldado negro, e a menor no branco.

No Ceará, as médias parciais variaram de 22 para os faiodermos a 24,7 para os leucodermos, sendo

a média geral de 23,1, portanto indicando uma boa constituição organica. No Rio-Grande do Norte e na Paraíba, essa média foi melhor: 19,4 e 20,7 respectivamente; mas, em Pernambuco, se tornou inferior à do Ceará com 23,7.

Notando-se que somente numeros inferiores a 25 habilitam o recruta para o serviço militar, é de crer que os indices reais para os homens das caatingas sejam um pouco superiores às cifras médias aqui anotadas.

Apoiado na pequena serie de determinações por nós feitas diretamente no sertão, admitimos para o homem das caatingas a cifra de 25,3 como uma aproximação razoavel, embora provisoria.

O dr. Artur Lôbo observa que o indice dos mestiços é superior ao dos brancos.

Quanto ao pêso, verificou-se que a gente mais pesada do Brasil é a do Rio-Grande do Sul, cuja média sobre 4.722 recrutas do exercito ascendeu a 62,7 quilogramas, e que a mais leve é a do Maranhão, com a média de 54,8 sobre o total de 103 recrutas.

No Ceará, a média sobre 1.393 recrutas foi de 56,4, attingindo a 57 nos faiodermos; no Rio-Grande do Norte, sobre 500 homens, foi exatamente a mesma, attingindo a 58,7 nos melanodermos. Na Paraíba, a média elevou-se a 57,3 sobre 560 recrutas, attingindo 58,3 nos melanodermos.

No sertão, excluindo o homem mais hidrico do litoral, a média deve ser um pouco inferior. Digamos, aproximadamente, 56 quilogramas.

A média geral para todos os recrutas aptos (29.633 fichas) foi de 58,2 quilogramas, sendo que a percentagem dos pesados (mais de 66 ks.) foi apenas de 14,3, a dos leves (menos de 51 ks.) baixou para 16,7, ficando os pesos médios (de 52 a 65 ks.) com maioria, ou sejam 69%.

No Ceará, a percentagem do pêso pesado foi apenas de 6,7, ao passo que nos outros estados nordestinos se elevou a 8 e 10. A percentagem do pêso leve no Ceará subiu a 20,2; no Rio-Grande do Norte, a 22,2, e na Paraíba, a 18,1. Estas diferenças se explicam em parte pela desproporção do numero de recrutas dos estados e pelas condições

diversas dos habitantes da faixa litoranea, muito mais diferenciada em relação ao sertão, nos estados que ficam ao sul do Ceará. Ao passo que a zona sertaneja é antropologicamente muito homogênea, da Baía ao Piauí, a litoranea oferece uma sensível discontinuidade. Já entre a Paraíba e o Ceará, a diferença é notável.

Segundo Isaac Brown, o homem faiodermo do norte do Brasil, inclusive o de todo o nordeste, em relação ao faiodermo do centro, é um braquitipo excedente, ao passo que o negro do norte é um braquitipo deficiente. Essas qualidades biotípicas são também verdadeiras, considerando-se o faiodermo das caatingas; mas, relativamente ao melanodermo, temos dúvida se será realmente ainda um braquitipo deficiente.

De acôrdo com a mesma autoridade, e tomando para termo de comparação o normotipo brasileiro, o leucodermo do norte é um braquitipo deficiente; paracentral inferior braquitípico de Berardinelli; enquanto o faiodermo do norte é um braquitipo excedente; paracentral superior braquitípico de Berardinelli.

• A relação parece-nos a mesma, considerando-se apenas os leucodermos e faiodermos sertanejos das caatingas.

Comparado com o normotipo italiano de Emilia, o leucodermo do norte é um macrosômico harmônico e o faiodermo um longitipo com autogonismo. É interessante notar que Viola e Zisa (*apud* Brown) acharam para a estatura do italiano *standard* de Veneza e Emilia 168 centímetros, cifra inferior ao que Brown achou para o faiodermo do Norte: 168,9 cent. Aliás, essa estatura não confere com a de Artur Lôbo, 162,9, nem mesmo com a estatura média do homem branco do sul, que este antropologista echou ser de 167 cent. Finalmente, Brown concluiu que os leucodermos do Norte se enquadram na variedade B de Barbára, os faiodermos na 1.^a e 3.^a combinação do mesmo autor italiano. Outros caracteres morfológicos dominantes na população dos sertões nordestinos são: cor da pele como a do índio tupí, mais clara que a do índio carirí, aliás preponderante no caldeamento; cabelo castanho escuro, quasi preto, liso-

trico, relativamente fino, tendencia a hipotricose; olhos escuros e grandes; nariz, misorrino; craneo, braquicefalo; tronco maior do que os membros; apêndices distais curtos e largos; rosto achatado e face hipoplastica.

Relativamente á cor da pele, em 2.969 recrutas, o dr. Artur Lôbo achou:

leucodermos.	.	.	1.077 ou 36,2 %
faiodermos e			
xantodermos.	.	.	1.731 » 58,3 %
melanodermos	.	.	161 » 5,5 %

resultado este que confirma a preponderancia da cor parda sobre a branca, e, em particular, extraordinariamente sobre o preto. Com isto também se pode fazer uma idea da escassa concurrencia do elemento africano no *melting pot* nordestino.

Com o mesmo criterio que vimos adotando, passemos a vista rapidamente sobre o fator dinamico humoral do homem das caatingas.

A alimentação constitue problema do maximo interesse, a que entretanto não podemos reservar o espaço compativel com a sua importancia.

A extrema oscilação dos fatores climicos que mais influem sobre a produção agricola, quer no espaço de um ano, quer no correr dos tempos, ocasionando sêcas tremendas ou pluviosidade excessiva e muitas vezes calamitosa, imprime um especto especial ao regime alimentar do sertanejo que, sob este particular, difere de tudo mais que se pode observar alhures, pelo Brasil a fora.

Nos anos normais, de pluviosidade regular e bem distribuída, a terra feraz, convenientemente irrigada, produz abundantemente todos os generos alimenticios que o sertanejo vem secularmente utilizando na sua nutrição.

Durante o periodo colonial e até recentemente, a carne e o leite constituíam o alimento de eleição do homem das caatingas. Os vaqueiros e proprietarios, os negociantes e funcionarios publicos utilizavam a carne e o leite dos bovinos; os moradores—a gente

pobre —, a carne e o leite das miúças (ovelhas e cabras). Todos faziam e ainda hoje fazem largo consumo de farinha de mandioca e rapadura. Com a expansão do comércio do gado e consequente encarecimento da carne, os feijões e favas tomaram particular importância na nutrição de toda a gente. Assim, pois, as proteínas são fornecidas abundantemente pela carne, leite, laticínios e pelo feijão; os hidrocarboretos, pela farinha de mandioca, pelo arroz e pelo milho, em dose menor; as gorduras, pelo gergelim (*Sesamo orientale*), amendoim (*Arachis ipogoea*) e, principalmente, pela *manteiga de garrafa* e toucinho de porco; o açúcar, pela rapadura. Finalmente, em certas zonas, ao longo dos rios piscosos, fazia-se e ainda se faz bastante consumo de peixes d'água doce (curimatãs, traíras, jutubaranas, carás, surubins, cangatis e bagres); as frutas são raras, salvo a melancia e mais dificilmente o melão e o mamão em certa época do ano. Ultimamente, a bananeira tem invadido o sertão e é cultivada nos brejos e terras frescas, bem como o coqueiro da praia. O uso de verduras é desconhecido; apenas se admitem nas carnes cozidas o quiabo, o maxixe e o jerimú (abobora). Também é frequente o consumo de certos tubérculos, como a macacheira (aipim), a batata doce, os carás e os inhames.

Esta lista parece suficiente para garantir nutrição completa e sadia, capaz de permitir ao sertanejo um regime racional. Entretanto, as circunstâncias cósmicas e, sobretudo, a deficiência de educação higiénica criam uma situação desfavorável que se vai refletir no desenvolvimento económico e na evolução social da região.

A primeira inconveniência do regime alimentar do sertanejo depara-se na diferenciação flagrante da sua nutrição dos últimos meses da estação pluviosa e primeiros do período seco que contrasta com a dos outros meses do ano normal.

Naquele período de abundância e variedade de produtos excelentes, quer de origem vegetal, quer de origem animal, o sertanejo alimenta-se excessiva e desordenadamente.

As criações nédias concorrem com as colheitas

abundantes de cereais e legumes; a fartura nas fazendas, nas moradias rurais é geralmente considerável. A venda das safras, dos produtos dos *roçados* permite a aquisição do que o campo não produziu: o café, a rapadura e, algumas vezes, a farinha, o toucinho ou a banha de porco.

Mas essa fartura vai diminuindo no correr do verão esteril e, ao começarem as chuvas da próxima estação hibernosa, quando a faina das plantações se torna extremamente exigente ou a labuta com o gado mais pesada, geralmente já de há tempo desapareceu, tornando-se as reservas escassas e incompletas, senão de todo faltosas nas casas dos mais imprevidentes, isto é, da maioria dos sertanejos. Sobretudo, urge trabalhar, embora a máquina humana não receba combustível alimentar bastante, quanto ao aspecto energetico, para cobrir as despesas correspondentes do organismo, provocando um desequilíbrio dinamico de vida, extremamente nocivo. Muitas vezes, a nutrição do sertanejo é então insuficiente para atender as próprias exigências do metabolismo basal que sofre oscilações relativamente rápidas. Normalmente, o metabolismo basal do sertanejo deve oferecer um coeficiente mais elevado que alhures.

O trabalhador nordestino, nessas condições, vai auriar energias para a sua labuta extraordinária nas reservas destinadas a outros fins, em detrimento das suas funções vegetativas.

Calcula-se que um homem do peso de 60 ks., com 160 cents. de altura, exija uma despesa fundamental correspondente a 1.220 calorias; a energia gasta no trabalho de cultura do campo, à razão de 340 calorias por hora de ocupação, deve montar a 3.400 calorias; a energia suplementar de repouso em 14 horas será de 1.386 calorias, podendo ser inferior no nosso clima, digamos 1.000 calorias, e finalmente a energia gasta pelo trabalho específico da alimentação pode ser avaliada em 560 calorias, montando o gasto total, em 24 horas, a 6.180 calorias, que devem ser cobertas em alimentos que o sertanejo não possui suficientemente, porém na razão de 4,1 calorias por um grama de proteína, 9,3 calorias por um grama de gorduras e 4,1 calorias por um grama de hidratos de carbono.

Ora, atendendo-se as circunstancias de clima, um homem como o que consideramos exige diariamente pelo menos 60 gramas de proteína, 1.220 gramas de hidratos de carbono e 100 de gorduras, a fora os alimentos inorganicos. Seria preciso então que ingerisse: meio quilograma de farinha, que custa no sertão pelo verão \$300, uma rapadura de 750 gramas, que custa \$600, trezentos gramas de feijão, custo \$100, e finalmente cem gramas de toucinho, custo \$300, a fora o café, cêrca de \$200, o que daria uma ração no valor de 1\$500. Mas o sertanejo tem familia, de ordinario avultada. O seu dispendio, supondo 5 pessoas por familia, montaria com a alimentação, no minimo, a 4\$500 diarios, importancia de que está muito longe de ser permitido à maioria dos sertanejos dispor algum tempo depois de negociada a sua safra anual. E' verdade que elementos da familia também trabalham, porém ainda fica um deficit grande.

Isto significa, consequentemente, que quando os tempos correm favoraveis o regime do sertanejo é muito irregular: 3-4 meses de extrema fartura e ótimos alimentos, — carne, leite, coalhada, queijo fresco, manteiga, milho e feijão verdes, ovos, farinha, pão de milho (cuscús), etc.; segue-se um periodo em que faltam o leite, a coalhada, o milho e os legumes frescos, substituídos pelo feijão sêco, às vezes bichado. Vem em seguida o pior tempo, o fim do verão e comêço das chuvas, de Novembro a Março ou Abril, quando, em geral, falta tudo quanto fôra produto da safra e se torna necessario comprar nas vendas o feijão ordinario, a farinha velha, muitas vezes mofada, a rapadura salgada, etc. Essa alimentação é deficiente e prejudicial, incompleta, sem o teor necessario de vitaminas. Conforme a região, o tipo de ração de verão varia. À margem dos rios de maior curso, onde há poços perenes, o peixe concorre para a ração comum. Nas zonas onde as cabras e ovelhas são mais abundantes, torna-se frequente o uso de carne fresca ou sêca desses ruminantes. Nas proximidades das serras frescas, há algumas frutas, como banana, laranja, abacaxí, manga, etc., de efeitos muito salutaes.

A irregularidade maior, porém, ocorre quando há sêcas calamitosas, porque então, durante longos

meses, quando não falta de todo a alimentação, impelindo os sertanejos à emigração, ao abandono do lar, se vêem eles sujeitos a longos e terríveis jejuns, a uma alimentação selvagem, com tuberculos, medulas de palmeiras novas, de cactos ou de bromeliaceas, e outros recursos alimentícios de fraquíssimo teor nutritivo e geralmente venenosos. Sobrevêm então distúrbios graves ao organismo já cambalido pela fome.

Esse regime de intermitências com os paroxismos das sêcas calamitosas não pode deixar de influir consideravelmente sobre a população das caatingas, concorrendo para a diferenciação tipológica.

Produz-se assim uma seleção natural, porque os mais fracos, os menos constitucionalmente aparelhados desaparecem definitivamente, deixando o lugar aos mais bem adaptados à terrível situação. É por isso que o nordestino, hoje como em todos os tempos, é de todos os brasileiros o mais apto para suportar incolume longas e cruciantes abstinências; nenhum outro é capaz de resistir aos mais pesados e estafantes labores, com alimentação tão parca.

Talvez resulte, em parte, desse regime o aspecto relativamente delgado do seu corpo, a deficiência de indivíduos obesos. Também é de crer que a necessidade de eliminar maior porção de calor contribua para as formas delgadas ou esbeltas, tão comuns no sertão, sobretudo entre os vaqueiros habituados à equitação.

A falta de vitaminas nos alimentos, em os períodos críticos da nutrição anual, pode-se atribuir certamente uma das razões da baixa estatura do nordestino das caatingas.

A acuidade visual e auditiva dos sertanejos é notável e isto parece ser uma herança dos índios.

A capacidade de locomoção é extraordinária; não há quem, como o nordestino, seja capaz de andar durante semanas, à razão de 5 a 8 leguas por dia. É outra herança dos primitivos habitantes destas terras.

A aptidão para o trabalho em posição encurvada ou de cocoras é bem característica. As mulheres só lavam as roupas, as panelas e utensílios domésticos

acocoradas à margem das lagoas, açudes ou rios. Até há poucos lustros, o sertanejo, em geral, não usava mesa para as refeições, nem cadeiras ou bancos. «O costume mais geral, diz Koster, é acocorarem-se em cima de uma esteira, onde toda a família forma um círculo em roda de cabaças e assim é que fazem as suas refeições.»

Entretêm longas conversações assentados sobre o bordo do calcaneo de um dos pés, com a respectiva perna infletida fortemente e a outra servindo de escora. Ainda hoje esta posição é frequente no campo. Até quando jogam cartas, às vezes durante horas, se conservam nessa posição, que nos parece horriavelmente incômoda.

O seu trabalho, qualquer que seja, é sempre lento, pausado e bem regulado, porém tenaz, duradouro. O rendimento em tempo curto é pequeno, mas num espaço mais dilatado é considerável.

Em relação com as funções de reprodução, importa registrar a precocidade do catamenio, que se atribue principalmente à influencia do clima, embora a raça tenha também a respeito uma ação bem conhecida. No interior nordestino, o catamenio apparece normalmente entre 12 e 13 anos, havendo casos raros de maior precocidade e menos raros de retardo, sobretudo estes ultimos, nos periodos de sêcas calamitosas. A ovulação persiste geralmente além dos 50 anos. As faculdades de geração no homem comumente vão além dos 60 anos, não sendo raros os casos em que se prolonga até os 70 anos e mesmo aos 75.

A fecundidade das mulheres nordestinas é proverbial e parece não encontra simile noutra região do país. Casam-se cedo. Malgrado o vulto da prole, que é, em geral, maior do que em todas as outras regiões brasileiras, a mulher das caatingas não entra prematuramente nessa decadencia organica que se observa alhures, talvez porque elas se não entregam nunca ao sedentarismo a que se condenam as mulheres noutras partes do país, principalmente nas áreas onde mais abundou o escravo negro.

O sertão nordestino nunca criou esses homens «moles, de mãos de mulher, amigos exagerados da rêde,

volutuosos do ocio, aristocratas com vergonha de ter perna e pés para andar e pisar o chão como qualquer escravo ou plebeu», dos engenhos, nas áreas culturais dos grandes canaviais. O que as caatingas criaram foram vaqueiros audazes, intrepidos e de uma energia e vigor fisico de espantar. E' que, como observa o viajante francês L. F. Tollenare, quando percorreu o Nordeste, pelos fins do primeiro quartel do seculo passado, «são precisos homens robustos, corajosos, ativos e inteligentes, para reunir os animais, marcá-los ou abatê-los, ou juntá-los para conduzi-los em boiadas às cidades. Este trabalho não pode ser feito pelos negros, em geral fracos e indolentes. Os brasileiros conhecidos pelo nome de sertanejos são criados neste penoso exercicio e desenvolvem nele tanta destreza quanta coragem; porque de ambas se necessita para alcançar animais quasi selvagens, que se refugiam em meio de cerrados impenetraveis». E logo acrescenta nas suas celebres *Notas Dominicais* o notavel observador:—«Estes homens vestidos de couro, armados de um vergalho (chicote) e de uma espada, têm o porte altivo e independente como os montanhese; o maior numero é de sangue mesclado de branco e de indio.»

Por sua vez, outro observador estrangeiro do comêço do ultimo seculo, o inglês H. Koster, anota, referindo-se à profissão dos vaqueiros:— «Sendo todavia penosas as obrigações dela, porque exigem extrema atividade, muita coragem e bastante fôrça muscular.»

Ainda em nossos tempos, a resistencia, a energia, a fôrça e a coragem do homem das caatingas, concretizadas na sua profissão mais comum e mais característica—a do vaqueiro—, causam admiração e entusiasmo aos observadores de outras paragens. Artur Neiva e Belisario Pena dizem:—«Os vaqueiros constituem tipos dignos de toda a simpatia e admiração; por várias vezes surpreendemo-los em caminho, no arduo mister de vaquejar e sòmente quem assistiu poderá avaliar a extraordinaria energia fisica e inigualavel coragem que possuem; êles demonstram que aquela gente (das caatingas) tem energias capazes dos maiores feitos e até hoje nada vimos em

arrôjo, sangue frio, resistencia e agilidade comparavel às façanhas daqueles homens.»

Outras provas dessa resistencia fisica e coragem têm-se na conquista e no desbravamento da Amazonia e na luta contra as sêcas flagelantes.

A resistencia das populações nordestinas às doenças constitue assunto curioso e de grande valor etnografico e social. A terra é por sua mesma natureza sadia, sêca, batida de ventos constantes e temperados, sem variações rapidas de temperatura; oferece um notavel contraste de humidade no curso do ano, o qual impossibilita a aclimação de muitos seres patogenicos que proliferam nas regiões normalmente humidas, condições essas de salubridade, reforçadas pelo tipo de vegetação aberta, a caatinga, em cujo recesso, mesmo no periodo pluvioso, a luz solar penetra mais ou menos profundamente, exercendo a sua ação saneadora.

O impaludismo, que se arvora no mais terrivel inimigo do homem do norte, na Amazonia e nas regiões da mata costeira do Maranhão, nos rios perenes do Piauí, limita as suas devastações no Nordeste ao periodo das chuvas, nos trechos mais humidos do litoral, nos estuarios dos rios e na parte inferior de alguns cursos d'agua, cujas coroas e várzeas conservam por mais tempo os pantanos formados naquele periodo. Mas, acima da curva de nivel de 100 metros (altitude), em geral aquela entidade morbida não aparece, porque a *anopheles*, não encontrando condições propicias aos seus habitos, não consegue medrar. Mesmo nas zonas baixas, inferiores àquela cota, porém dominadas pela caatinga, se, por ventura, mercê da vizinhança dos estuarios e pantanos litoraneos, ocorre um surto de impaludismo, este limita sua ação a poucos meses, porque, em sobrevindo o verão, a evaporação, ativada pela temperatura elevada, e os ventos secos de sueste logo secam os charcos e fazem cair as folhas da vegetação, abrindo o campo à ação saneadora do sol e das brisas. A *anopheles*, não resistindo a essas condições e sem abrigo, desaparece e com ela o contagio da doença.

Outras formas da patologia tropical analogas estão sujeitas aos mesmos percalços, razão por que não atingem os sertanejos ou se, em momento pro-

picio, invadem a zona periferica das caatingas, cedo desaparecem.

Entretanto, durante o dominio colonial e, sobretudo, no decorrer do ultimo seculo, o sertão foi várias vezes visitado por epidemias devastadoras contra as quais os meios naturais de defesa eram insignificantes.

A respeito do impaludismo, a resistencia organica é nula, mas, como vimos, as condições fisicas da terra não permitem a sua manifestação, salvo nos bordos das caatingas voltados para o litoral, em surtos epidemicos espaçados e condicionados às épocas de maior pluviosidade. Nesses mesmos surtos epidemicos, verificou-se que o nordestino oferece maior resistencia ao hematozoario *malariae* do que às *plasmodium vivax* e *falciparum*.

A febre amarela fez uma excursão ao Nordeste, no periodo colonial, e outras no terceiro quartel do seculo passado (1851-1875), causando séria devastação: mas sob forma benigna, infantil (?), parece ter-se perpetuado, imunizando os adultos que podiam impunemente afrontar os mais terriveis surtos do mal, no Rio-de-Janeiro, na Baía e no Pará, antes do saneamento (Osvaldo Cruz). Essa resistencia do nordestino ao tifo amarilico tornou-se proverbial.

A peste bubonica fez a sua primeira excursão ao sertão em 1900, mas não conseguiu difundir-se e não assumiu carater de gravidade, revelando o fato, certamente, uma grande resistencia oferecida pela população ou talvez improprias condições mesologicas da terra. Contudo, o germe parece conservar-se latente em certos animais silvestres e domesticos, dando lugar, vez por outra, a pequenos surtos locais, de certo quando as modificações meteoricas do meio se tornam favoraveis à proliferação e virulencia do bacilo especifico.

A resistencia à difteria, à esquistomiose, ao carbunculo, à paralisia infantil, às tenioses, às micoses, às disenterias e ao beribere é notavel, de sorte que tais doenças, de ordinario, não transpõem a zona litoranea.

A variola, porém, desde os mais remotos tempos da colonia, flagela os sertanejos. Sob forma epidemica, tem causado devastações espantosas, como na

sêca de 1777-1778. A vacinação intensiva e os cuidados profiláticos, parece, extinguiram o mal.

A alastrine, entretanto, excursiona pelo interior, sem produzir perdas sensíveis.

Nos sopés das serras frescas e nos vales húmidos e baixos, prolifera a boubá (framboesia) que, todavia, não consegue invadir a zona das caatingas. Certamente, os *hipelatos* responsáveis pela sua transmissão não encontram no sertão condições propícias à sua existência. Mais raramente, nesses mesmos lugares aparecem «leishmanioses» tegumentares.

As helmintoses também são pouco difundidas no verdadeiro sertão, onde o solo, extremamente sêco durante o verão, a poluição alcalina das águas e o excesso de insolação desfavorecem a disseminação dos vermes. Nas zonas irrigadas, porém, o índice de infecção já se eleva.

O tracoma não encontra nas condições físicas da área das caatingas um meio propício ao seu desenvolvimento; mas se observa que a doença se encanta no vale do Cariri, nas serras e no litoral, deixando quasi livre o verdadeiro sertão. No Cariri também se generalizam a blefarite e outras afecções oculares quasi desconhecidas alhures. Nas caatingas, contudo, dominam os pterígio.

Mas de todas as enfermidades, a que mais influe na constituição orgânica, no funcionamento dos órgãos e até mesmo no psiquismo dos habitantes do Nordeste é, sem dúvida, a sífilis, calamidade que quasi se pode emparelhar com a das sêcas. Aquela age constante e insidiosamente, alastra-se e devasta o incauto filho das caatingas, desamparado e inerme. A mortalidade infantil e os abortos de origem sífilítica vêm num crescendo assustador, bem como os casos de afecções cerebro-medulares e oculares, que enchem os estabelecimentos rurais de imbecis, epilepticos, dementes e cegos.

A tuberculose não encontra condições naturais favoráveis de alastração. Focaliza-se nas capitais dos estados; daí se irradia para o interior, onde a luz solar intensa, a secura do ar, a alimentação azotada das cidades sertanejas põem entrave bastante sério à sua propagação.

As febres do grupo tífico são endêmicas em muitas cidades sertanejas, mas recrudesce assombrosamente nos acampamentos dos famintos, durante os períodos de secas flagelantes. Nas construções dos açudes e estradas públicas, em 1932, por vezes se acumularam mais de 30.000 pessoas, mal abrigadas e sobretudo mal alimentadas, com toda a sua resistência orgânica reduzida ao mínimo. Então, aquelas febres fizeram horríveis devastações.

A doença de Chagas é raríssima, conquanto os *triatomas* (megiste, roasibrensis, maculata e outras) não o sejam. No Cariri, foi encontrado o "Trypanosoma crusi" (G. Gonzaga).

Pode-se aferir o grau de resistência das populações nordestinas às doenças ou incompatibilidade de certas formas patológicas com a mesologia física da região, observando-se os quadros de incapacidade para o serviço militar, organizados pelo antropologista Artur Lôbo. Dêles se verifica que, no norte do Brasil (do Ceará ao Amazonas), sobre 11.232 homens examinados, foram considerados inaptos 371 por doenças venereas, 144 por doenças do aparelho respiratório, 104 pelo paludismo, 48 por verminoses, 103 por doenças dos ossos e articulações, 123 por defeitos físicos e 38 por tuberculose. No sul (Espírito-Santo ao Rio-Grande do Sul), sobre 24.669 pessoas examinadas (um pouco mais do duplo), o contingente das doenças veneraes foi de 431, portanto relativamente bem maior, doenças do aparelho respiratório 526, também muito maior, da tuberculose 192, igualmente maior; porém o contingente do impaludismo foi relativamente menor.

No Ceará, sobre 1.670 homens examinados, acharam-se: doenças venereas 20 ou sejam 1,2%; doenças do aparelho respiratório 6 ou 0,4%; do sistema nervoso 1 ou 0,06%; paludismo 9 ou 0,5%; verminoses 11 ou 0,06%; doenças dos ossos e articulações 15 ou 0,8%; tuberculose nada.

No Rio-Grande do Norte e Paraíba, sobre 1.292 homens examinados, encontraram-se: doenças do aparelho respiratório 3 ou 0,2%; veneraes 13 ou 1%; do sistema nervoso 8 ou 0,6%; paludismo 9 ou 7%; verminoses 5 ou 0,4%; doenças dos ossos e articu-

lações 4 ou 0,3%; defeitos físicos 7 ou 5%; tuberculose 5 ou 0,4%.

Convém comparar estes resultados com os de um dos estados do centro, Rio-de-Janeiro, por exemplo, onde sobre 2.540 examinados se acharam: doenças veneraes 34 ou 1,3%; idem do aparelho respiratorio 59 ou 2,3%; idem do sistema nervoso 15 ou 0,6%; paludismo 12 ou 0,6%; verminoses 19 ou 0,7%; doenças dos ossos e articulações 18 ou 0,7%; defeitos físicos 41 ou 1,6%; tuberculose 26 ou 1%.

E' também instrutivo comparar todos estes resultados com as cifras referentes ao estado do extremo sul, onde, sobre 5.496, se acharam: doenças veneraes 79 ou 1,4%; idem do aparelho respiratorio 71 ou 1,2%; idem do sistema nervoso 39 ou 0,7%; paludismo nada; verminoses 7 ou 0,1%; doenças dos ossos e articulações 74 ou 1,3%; defeitos físicos 35 ou 0,6%; tuberculose 25 ou 0,4%.

Resumamos as percentagens no quadro seguinte:

DOENÇAS	Ceará	Rio-G. Norte e Paraíba	Nos 3 estados nordestinos	Rio-de-Janeiro	R.-G do Sul
Doenças venereas	1,2	1,0	1,1	1,3	1,4
Doenças do aparelho respiratorio	0,4	0,2	0,3	2,3	1,2
Doenças do sistema nervoso	0,06	0,6	0,3	0,6	0,7
Paludismo . . .	0,5	0,7	0,6	0,5	—
Verminoses . . .	0,6	0,4	0,5	0,7	0,1
Doenças dos ossos e articulações .	0,8	0,3	0,5	0,7	1,3
Defeitos físicos .	0,8	0,5	0,6	1,6	0,6
Tuberculose . .	—	0,4	0,2	1,0	0,4

Patenteia-se nesta demonstração a superioridade das condições sanitarias do Nordeste sobre os estados do Rio-de-Janeiro e Rio-Grande do Sul, aquele do centro do Brasil, ao lado da Capital Federal, e este com população muito arianizada. Estes resul-

tados, tão vantajosos em relação ao Nordeste, são principalmente devidos às caatingas, visto como o litoral oferece condições pouco favoráveis, como se anotou atrás.

É possível, porém, que, para os resultados acima consignados, contribua também, em dose apreciável, a constituição orgânica dominante do nordestino.

Sabemos efetivamente de biotipologia que os terrenos heredo-tuberculoso e heredo-sifilitico, por exemplo, são muito mais próprios dos indivíduos longilíneos astenicos do que de quaisquer outros, biotipo esse o menos encontrado nas nossas caatingas. Por outro lado, no domínio das psicopatias as formas mais comuns se enquadram no âmbito das hipomanias, aliás raramente de caráter melancólico ou depressivo. Muito menos frequentes são os esquizóides e mais ainda os esquizofrênicos.

Entretanto, é de admirar a pequena frequência das doenças das articulações, dada a predominância da constituição brevilinear estênica, o que faz crer então na influência decisiva do meio geográfico. O *cancer* é muito raro.

A psicologia do sertanejo das caatingas, condicionada à sua constituição biotipológica e às circunstâncias especiais do meio telúrico-social, em que evolue o seu círculo gregário, oferece já uma estrutura característica assaz estável. Essa caracterização, que parece prematura, se deve antes de tudo à especialização cósmica da região, dotada de um paradoxal poder de fixação muito considerável, e igualmente à circunstância histórica do caldeamento que, de há muito, se processa exclusivamente com os elementos primitivos, sem novas adjunções quer daqueles tipos originários, quer de outros, como vem ocorrendo alhures no país.

Contribuindo para robustecer estes motivos de ordem geográfica e histórica, há que considerar outro de aspecto racial, que consiste no fato de o caldeamento ter tido como fundo preponderante o indígena, de há séculos radicado à terra.

Embora se tratasse de um povo em estado cultural assaz inferior ao do conquistador ariano, muitas

particularidades inerentes aos processo de colonização, ao temperamento da raça invasora, ao grau de adaptação dos primitivos á terra profundamente especializada, a influencia do indio avultou não somente na ordem somatica, como na ordem psiquica.

O português e, sobretudo, o *mazombo* que procurou explorar o Nordeste, nele fixando-se definitivamente, preferiu unir-se às indias, antes que às negras. Por sua vez, o indígena mostrava notavel repugnancia para conjugar-se com a gente afra, aliás bastante rara, procurando nas suas uniões exogamicas, de preferencia, as mulatas, as cafusas e especialmente as mamelucas.

Destas três etnias que se defrontaram nas caatingas, a mais resistente ao *melting pot* foi sem duvida a amerindia. E' assim que ainda hoje existem *Fulniós* no sertão de Pernambuco e sobre a serra da Ibiabapa, no Ceará, tipos aborigenes isentos de qualquer mistura, formando pequenas «ilhas etnicas» no no seio das populações sertanejas. Não é possivel encontrar cousa semelhante relativamente aos portugueses e africanos. Os filhos de pais lusitanos ou se casavam com gente da terra ou emigravam, o que era raro.

O negro foi mais rapidamente absorvido, diluindo-se no amalgama sertanejo, sem oferecer especial resistencia.

O processo de fusão culminou entre o fim do penultimo e comêço do ultimo seculo; mas se iniciara muito antes, com as primeiras entradas, na primeira metade do seculo XVIII. Os centros de caldeamento localizavam-se: 1.º) nas sedes das fazendas de gado, que rapidamente ocuparam toda a área das caatingas, pontos de fixação do tipo ariano e dos seus fenotipos imigradas de outras regiões do país, e 2.º) nos aldeamentos indigenas que se multiplicaram no sertão, pontos de fixação dos indios puros.

Requerida uma sesmaria, o outorgante ia nela situar-se, isto é, construía a casa para sí e para o vaqueiro, os currais para o gado e preparava a *bebida* (bebedouro) para o estio, no leito do rio ou riacho que servia para definir a propriedade. De ordinario, o sesmeiro já possuía algum gado que levava

para a nova situação, algumas vacas, um touro, cabras e ovelhas. Se a fazenda ficava distante, na vizinhança das tribus indígenas, havia todo o interesse de captar a amizade e simpatia delas. Não tardava que alguns índios se aproximassem com as suas aldeias e logo êles e os colonos, no interesse comum, entravam em relações mais frequentes, passando os tapuias a prestar serviços uteis ao proprietario, quer no labor do gado, quer, como era muito mais frequente, como guardas da propriedade contra outros índios ameaçadores. Às vezes, tribus mais reacionarias atacavam a fazenda ou tentavam fazê-lo e então aqueles índios amigos prestavam auxilio inestimavel ao colono, salvando-o de prejuízos materiais e mesmo, como era comum, salvando-lhe a propria vida e a da familia.

O fazendeiro, que vinha residir definitivamente na propriedade, geralmente trazia familia e alguns agregados, portugueses e mazombos aparentados, mas sem economia, mestiços com que em outras ocasiões se relacionara, ordinariamente mulatos, às vezes mamelucos ou cafusos. Trazia também escravos, poucos, quasi sempre dois ou três homens e algumas mulheres para o serviço domestico.

Se o fazendeiro era homem de prestigio, atraía muitos moradores, formando-se uma peble numerosa sob a sua autoridade. Os agregados, quando se faziam acompanhar das familias, construíam pequenas casas cobertas de palha, onde passavam a residir; os solteiros ficavam na casa grande ou na do vaqueiro. Quando casavam ou se amasiavam, as mais das vezes com as indias das tribus amigas que frequentavam o estabelecimento, também edificavam a sua casa, pequeno e mal acabado tugurio.

Agora já eram várias as familias que aí viviam e os seus filhos e filhas procuravam mulher e marido ou entre os índios da vizinhança ou entre os outros *moradores* ou agregados da propria fazenda ou das fazendas vizinhas.

Por vezes, esses proprietarios de fazendas mais ou menos proximas entravam em disputa por causa de terras ou de mulher e daí podiam resultar lutas violentas e duradoiras, dando lugar a verdadeiras bata-

lhas. Nesses casos, os contendores procuravam aliciar entre as tribus que viviam nas proximidades o maior numero possivel de adeptos, o que era facil, porque o indio estimava sobremaneira a vida agitada das lutas armadas. O contacto e a solidariedade entre os nativos e os colonos e o seu pessoal se tornavam então mais intimos, ocasionando a maior intensidade do cruzamento.

Relações mais irregulares também concorriam para esse cruzamento. Não raro, os proprietarios, os seus filhos e parentes e alguns agregados de categoria, além da mulher legitima, tinham uma ou mais concubinas indigenas, que procriavam bastante, produzindo novos mestiços.

As aldeias, administradas pelos padres, também constituíam focos de cruzamento, cadinhos para o caldeamento das três raças que se defrontavam.

O missionario em geral chegava só, poucas vezes possuía um ou outro escravo africano de confiança. Mas, embora a contragosto seu, vinham morar à aldeia ou nas proximidades mestiços que, por qualquer circunstancia, deixavam as fazendas a cuja sombra se tinham criado. Dessa vizinhança, resultavam ligações sexuais com os indigenas, regulares ou não, porém sempre muito fecundas.

A mulher das caatingas, sobretudo as mestiças em cujas veias circula o sangue do indio e do branco, com as suas amplas e bem fornidas ancas e o seu megalosplanquinismo tão acentuado, é proverbialmente hiperfecunda. Abundam os casais que, de um unico matrimonio, produziram mais de 20 rebentos. Nada mais raro nestas regiões do que o tipo feminino inter-sexual, com as suas anormalidades.

Vê-se que o indio forneceu desse modo o maior e o melhor material para a fusão das raças.

O contingente indigena que se não aproveitou, pelas baixas nas lutas de exterminio movidas pelos colonos contra tribus reacionarias, ou pelas fugas para regiões distantes, fora do ambito das caatingas, ou ainda pelas lutas intestinas de tribus contra tribus, não foi avultado em relação com o que se incorporou para a formação da população actual. E' logico deduzir-se isso da rapidez com que

se povoou o sertão, do proprio regime das explorações rurais, que acabamos de revistar a grosso modo, da fisionomia, dos habitos e de certa cultura amerindia dominantes na gente das caatingas ainda hoje, indices fiéis dessa predominancia consideravel do elemento etnico nativo. A interpretação verdadeira dos quadros officiais da distribuição das raças nos recenseamentos conduz à mesma conclusão.

O *melting pot* nordestino está praticamente realizado, as uniões já de há muito se fazem entre mestiços, a fusão é antes uma refusão que se opera apenas com os velhos materiais, entre o *old country people* perfeitamente adaptado à caatinga.

Os processos de adaptação cultural ou social não sofreram perturbações que lhes quebrassem o ritmo regular; constituíram-se com a mesma simplicidade do processo biologico de adaptação à terra. A adaptabilidade dos novos mestiços revelou-se desde o comêço bastante acentuada, porque os contingentes, que chegavam, em grande parte já traziam predisposições para a terra, com a dose de sangue nativo que circulava nas veias dos mamelucos ou, em geral, dos faiodermos do indio, em todos os graus. Esta mistura devia, pois, produzir uma massa etnica relativamente bem homogênea.

Em vista de tudo isto, era natural que nessa gente os caracteres psicicos dos indios predominassem, adaptando-se às novas circunstancias da vida. Da mistura cada vez mais intima repontam, aquí e acolá, revivescencias da mentalidade semita e banto, sobretudo da ariana, que toma a vanguarda decididamente, em vista da absorpção crescente da cultura europea na sua expansão para se universalizar.

Evidentemente, o nordestino das caatingas é um ciclotimico, como o português, o indio e o negro que lhe deram origem. E', porém, muito mais caracterizado do que qualquer daqueles. A sua sexualidade normal, a fôrça fisica muscular, a admiravel densidade do seu corpo, a notavel e extraordinaria resistencia ao esforço, a lentidão dos movimentos, o exagero das ações e a sua braquicefalia o aproximam do tipo *brevilineo estenico* de Pende.

Um observador sagaz dos nossos dias já disse

que o sertanejo nordestino é exagerado em tudo;— «está sempre disposto a fazer crer em qualquer coisa que lhe for sugerida, e isto com espalhafato, com excesso, com escândalo. Exagêro em tudo, até nas cousas mais vulgares.»

Confrontando o sertanejo das caatingas com o habitante da Amazonia, direto e proximo descendente de tupís e aruaquês amolentados pelo meio paludico e farto, observa um folclorista contemporaneo: «Não sofre (o paraense) grandes necessidades e nem grandes desesperos como o cearense, não se atrapalha, não se zanga, não se *avexa*, não se agonia como o cearense», e, logo adiante, acrescenta: «O cearense vinga-se quasi sempre com uma facada; o caboclo vinga-se quasi sempre com um sorriso de desdém. O cearense é audaz, atrevido, falador. O caboclo é frio, suspicaz, discreto. O cearense faz sempre valer o seu direito, agindo, discutindo, brigando. O caboclo vence quasi sempre... cedendo! O cearense tem uma fórmula altiva que muito comumente repete: «não dou o meu direito a ninguém.» O caboclo repete quasi sempre: «não vale a pena brigar», cede aqui para vencer ali. O cearense afronta o perigo de frente, o caboclo contorna-o.» O que o habil observador José Carvalho chama cearense é o nordestino das caatingas, que vai afrontar a agressividade da Amazonia, desbravar as matas portentosas, os rios monstros, domar as feras e lutar contra os miasmas mortiferos.

Ora, por esta descrição, compreende-se bem que o homem do Nordeste é um tipo acabado do extrovertido de Wung, enquanto o paraense (caboclo) é um introvertido bem definido.

Tais qualidades dominantes no nordestino das caatingas influem em todos os seus atos, durante toda a vida.

O exagêro desse temperamento não provém somente da hereditariedade, pela concorrência nos três genotipos dos mesmos atributos; mas, sobretudo, do fato importante que consistiu no refôrço dos seus agentes, sob a ação propicia do meio físico, da evolução social e do modo de vida.

As notas impressionantes e mais distintivas da

alma nordestina das caatingas são o exagêro, o contraste violento, as ações inopinadas e desassombradas.

Na faina do gado é o vaqueiro «destemido que penetra o matagal numa carreira louca, montado num cavalo nervoso e, como êle, intrepido, agil e forte»; no lar o sertanejo é manso, lerdo, dorminhoco; no eito dos roçados, ao sol canicular, o dorso nú, numa emulação de trabalho espantoso ou nas matas seculares do Amazonas, abatendo a machado as arvores gigantescas, é incomparavel, ninguém o vence na resistencia, no rendimento do trabalho; na marcha, quando não tem pressa ou não o esporeia algum interesse de urgencia, move-se lento e mole, parece doente; de pé, recosta-se fatalmente, escora-se como se lhe faltasse o equilibrio natural, ou acocora-se displicentemente, em geral sobre um pé só, cujos artelhos sustentam todo o pêso do corpo. Dir-se-ia cansado. Mas, se qualquer motivo lhe desperta as energias, reage instantaneamente, com violencia muitas vezes desnecessaria, transforma-se, levanta-se de um salto, apruma-se, corre celere, agita-se e, conforme as circumstancias, chega a parecer um possesso. E' preciso, porém, não exagerar estas qualidades, como fez Euclides da Cunha, que os viu em lances muito especiais, num caso grave de misti-copatia.

Na fartura, come mais do que um alemão epicurista; na miseria, pode passar dias no mais absoluto jejum. Suporta a sede como um camelo; é capaz de andar a pé centenas de leguas (viagens do Ceará a Recife, a Pedra-do-Fogo—falta de cavalos, nos antigos tempos—, etc.). Por igual é capaz de dormir dias inteiros.

Este contraste de atitudes parece encerrar uma contradição constitucional, pois teríamos no mesmo indivíduo um bradipsiquico bradipragico, com os seus habitos preguiçosos, temperamento apatico, sonolento, lerdo, que de repente, sob um estímulo externo, se transforma no tipo antitetico do taquipragico taquipsiquico, com os seus movimentos rapidos, respondendo pronta e energicamente às reações estimulantes do meio. E' que o homem das caatingas goza

de uma disposição organica particular, que lhe dá maior sensibilidade endocrinica; um certo estímulo, que passaria inapercebido a outros tipos, parece capaz de exagerar a excitação do corpo tiroídeo, determinando rapidamente um aumento do autacóide correspondente na circulação, produzindo-se então o efeito de transformar, em poucos instantes, um hipotiroídeo num hipertiroídeo de maneiras muitas vezes exageradas.

Esta mutação de fato, conforme os relatorios dos melhores observadores e as nossas proprias indagações pessoais, acompanha-se de uma visivel modificação do aspecto geral somatico. O matuto tardo, de olhar inexpressivo, amolentado, dá a idea de um brevilíneo; quando excitado, reage; como que se alonga, se adelgaça, tomando apparencias que lembram o tipo do longilíneo.

Dominado pela religião, torna-se beato de um misticismo incomparavel, como esses que se concentram no Juazeiro do Padre Cicero; dominado pelo crime, é o cangaceiro que supera na crueldade, como na violencia, na astucia e na prudencia, a tudo quanto já se viu (Antonio Silvino, Lampeão e outros); asoberbado pela politica, ou é um forte, como Floriano, João Cordeiro, etc., ou um pusilanime.

As nobres ideas facilmente o empolgam; por elas se apaixona até burlar e desprezar as leis, enfrentar a fôrça pública e arriscar a vida na sua defesa. Haja vista a campanha da abolição dos escravos.

Se é deshonesto, de um só bode sabe tirar dois couros; se é probo (caso quasi universal), é de uma magnanimidade sem limites; a sua hospitalidade não tem par.

Soldado, é tão valente como os melhores do país; se estuda, em geral se distingue nas letras, nas artes, nas ciencias. Devemos à sua energia e coragem a conquista do Acre, o desbravamento da Amazonia, custando este ultimo feito muitos milhares de vidas.

Seria interessante comparar o sertanejo das caatingas, sob esses diversos aspectos, com o nordestino das praias e com o nordestino da área dos

engenhos, e bem assim caracterizar a sua diferenciação em face do brasileiro das outras áreas culturais, tarefa que se enquadraria neste esboço, mas que os limites de um simples artigo repelem.

Dos fatores de adaptação social, o processo religioso ainda é soberanamente preponderante na compressão recíproca dos indivíduos. A influencia do clero católico continua considerável, como se vem de observar nas duas primeiras eleições realizadas depois da última revolução política. Em todas as moradias, da mais miserável choupana ao melhor e mais rico palacete, avultam vistosas e inestéticas figuras de santos venerados, pendentes das paredes, ou santuários mais ou menos luxuosos, repletos de imagens, a que se sobrepõem geralmente o Cristo crucificado e a vela benta, indispensáveis aos moribundos. É pelo temor de Deus e pelo horror das penas eternas do inferno, que se evitam muitos atentados e crimes. Certas tendências más podem abortar simplesmente pelo fato de estar presente uma figura do santo da devoção. Algumas vezes, perturbações sensíveis do processo religioso deram causa a fatos históricos de caráter muito expressivo, tais as misticopatias de Pedra-Bonita, de Canudos e de Juazeiro, do Caldeirão, de Marruás, etc., com o seu cortejo de consequências insolitas.

A moral sertaneja, sob certos aspectos, torna-se rígida e inconfundível. O dever de hospedar o peregrino, de homiziar o perseguido da justiça, de vingar a honra conspurcada da mulher, da filha moça, da irmã ou da noiva, de aceitar as crianças enjeitadas, de assistir aos doentes, de enterrar os cadáveres, etc., tem um caráter de grande intransigência e rigor. Muitas vezes, essas obrigações morais deram lugar a lutas terríveis e a crimes hediondos.

Quanto à facies jurídica, há diferenciações notáveis, singularidades dignas de registro, que não podemos analisar convenientemente, devido à premência de espaço. Nos nossos sertões nordestinos, as leis da nação, mal conhecidas e pessimamente interpretadas, não podem sempre ter aplicação razoável e quasi nunca valem pelo seu prestígio ou valor intrínseco. Os códigos civil, penal, comercial e tantos

outros, que ultimamente têm sido discutidos, estão em evidente conflito com as condições sociais da cultura sertaneja das caatingas, donde o desrespeito flagrante que lhes vincula a estrutura ou o esquecimento relativo em que se acham. Os bons *costumes*, porém, os substituem, com mais ou menos eficiencia. Alguns exemplos bastam para a intelligencia do que dissemos. As prescrições sobre tapumes, que o Cod. Civil define (Art. 588), ainda não foram obedecidas depois de 19 anos de vigencia da «lei». No sertão, não há quem se julgue obrigado a cercar terras de sua propriedade rural, para deter as proprias aves domesticas e animais, tais como cabritos, porcos, carneiros. Se os vizinhos sentem a nocividade desses animais, constroem tapumes especiais que amparam as suas lavouras e hortas. Em certas zonas, o furto de cavalos constitue crime gravissimo que exige repressão mais severa do que qualquer outro grande crime. Finalmente, são muito mais numerosos os delinquentes contra as pessoas do que contra a moralidade, e estes, por sua vez, superam os delinquentes contra a propriedade.

O direito penal do sertanejo difere um pouco do direito brasileiro, que não prescreve a «vingança privada», tão amplamente praticada. Não raro, o cangaço resulta dessas vinganças, em face da ação sempre negligente, incompleta, tardia e errada da policia ou da «justiça».

Relativamente ao patrio poder, este geralmente se exerce ainda além da maioridade; entretanto, o filho varão nem sempre já atende aos pais, quando se opõem estes ao prematuro casamento. De ordinario, os pais castigam com muito exagêro os filhos impuberes.

Certos crimes são invariavelmente, por si mesmos, considerados de insignificante gravidade, como o assassinio por questões de honra. Não há juri que condene o marido que matou o sedutor da sua esposa. Até há bem poucos anos, era geral, absoluta e decisiva a influencia dos chefes politicos e coronéis de prestigio na absolvição dos criminosos submetidos ao tribunal do juri. Não se tratando de caso passionnal, os jurados nem prestavam atenção ao libelo acu-

satorio ou à defesa do réu; a priori, êles sabiam o que deviam fazer: absolver ou condenar, de acôrdo com os desejos do chefe. Atualmente, ainda as cousas se passam quasi assim, mas nos municipios mais afastados das sedes dos estados.

O parentesco oferece singularidades; além do parente legitimo ou ilegítimo, do parente consanguíneo ou afim, há o parente espiritual, muitas vezes vinculado às pessoas com laços mais estreitos, com obrigações e deveres. Resulta essa forma de parentesco do batismo ou da noite de S. João; contrai-se o ultimo no dia deste santo, mediante certas práticas e dizeres que se proferem em tórno da fogueira tradicional ou de simples tição dela tirado.

Embora muito menos sensível do que os processos de compressão religiosa e moral, o processo economico oferece já curioso e importante valor associativo.

A economia do sertão tem como base, sobretudo, a criação de gado, especialmente de bovinos. Foi assim desde os primeiros tempos da colonia e há de ser sempre assim, por fôrça das condições teluricas. Entretanto, há atividades que, por vezes, parecem superar aquela, como presentemente é a lavoura do algodão e já foi a industria extrativa da maniçoba. Esta economia fechada, reduzida e baseada apenas em dois produtos, sujeita o sertanejo à inconstancia climica. São comuns os exemplos tristes de os rigores de uma sêca reduzirem sertanejos abastados à ultima miseria, matando-lhes toda a criação e obstando toda a sua atividade agricola ou comercial. Para não perecer com a familia, ordinariamente numerosa, vê-se obrigado a vender, por preços ridiculos, quanto ainda possui—terras e moveis. Emigra então; mas, quando os bons tempos voltam, êle também volta quasi sempre ao sertão, para recommençar a vida sob o amparo de um parente ou amigo; traz um pouco mais de experiencia, de anos e um pouco menos de fôrça construtiva e de dias de existencia, mas conserva ainda aquella mesma fé inquebrantavel da juventude, a mesma confiança nas suas qualidades de batalhador, de mistura com essa couraça inexpugnavel do seu congenito fatalismo.

O meio comercial sertanejo, como consequência da sua redimentar organização, é oscilante e instável. Durante os períodos de fartura, que começam com as premissas das safras, abundam os artigos de escambo, os gêneros de negócio; os mercados e feiras regorgitam, as estradas povoam-se de transeuntes, de cargueiros, de auto-caminhões, os trens de ferro não podem suprir as necessidades dos transportes. Com a abundância de tudo — de viveres e de dinheiro —, vem uma felicidade que redundava numa comunicação fácil e mais íntima entre as pessoas de todas as classes, intensificando e melhorando a conformação gregária numa apreciável diminuição do *quantum despotico* e num alargamento benfazejo do círculo social. As festas amiúdam-se, os casamentos multiplicam-se, as visitas aos parentes e amigos distantes tornam-se frequentes, as promessas aos santos milagrosos de localidades afastadas são satisfeitas; as missões, as novenas e terços nas igrejas têm grande afluência e tornam-se extremamente animadas com o cortejo de divertimentos mundanos que precedem ou sucedem os ofícios divinos. Destarte, adquire-se melhor conhecimento dos lugares, das cousas, dos companheiros e das particularidades de outras terras. Mas tudo isto são pretextos para se gastar dinheiro e esgotar as economias. Não tarda que voltem os maus tempos, os anos escassos ou secos, as crises económicas. Cedo aquela situação se vai pouco a pouco modificando, com a redução das economias acumuladas, e, no auge da crise, já nada resta; as festas, as visitas, os passeios, o movimento comercial, tudo arrefece e quasi se paraliza, se não tem um sentido inverso, um sentido que importa no esgotamento exagerado da economia precária do sertão. Esta dolorosa situação se reflete naturalmente em toda a vida social de maneira diametralmente oposta àquela que vimos de refirir acima. Resulta desse sistema uma curiosa seleção, que elimina o negociante inapto, só conservando os mais atilados e inteligentes, embora algumas vezes analfabetos.

Das perturbações desses processos de conformação social-religiosa, moral, jurídico e económico, resulta toda a história da gente nordestina das caatingas, história muito simples, mas digna de acurado

estudo, porquanto, pelo fato mesmo da sua simplicidade e dos contrastes berrantes do meio, permite que melhor do que em outras áreas culturais se apanhem a correlação dos fatos entre si e as suas causas imediatas ou mais ou menos remotas. Em nenhuma outra parte, cremos, se pode levar mais longe a análise dos fenomenos socio-historicos de um povo.

